NOVELLAE OLIVARUM

ANO XV NÚMERO 145 OUTUBRO 1957

MAIS UM ANO DE TRABALHO — Director 245

FACTORES DE INFLUÊNCIA NO COMPORTAMENTO ESPIRITUAL DAS COMUNIDADES HUMANAS — P.e Manuel Falcão 248

BÍBLIA E LITURGIA (A PROPÓSITO DO CONGRESSO DE STRASBOURG — P.e José Ferreira 256

ENCONTRO DE FÉRIAS — Ol. J. R. M. F. 267

LIVROS NOVOS — F. Belo / A. Lemos 273

CRÓNICA — J. Policarpo 277

NOVELLAE OLIVARUM

Apresenta duas iniciativas

1 — Mistério do Senhor no Advento

Quatro celebrações, com bases na Leitura e meditação da Sagrada Escritura, e no canto dos salmos em vernáculo com introdução explicativa.

2 — Fichas Musicais

Selecção de cânticos, populares e outros, em fichas de cartolina de 18 × 12,5 preenchidos de ambos os lados, devidamente seriados em ordem a ajudar a preencher a grande lacuna que tanto se faz sentir no campo da música religiosa, sobretudo popular que, segundo as recentes normas de S. S. Pio XII, na sua encíclica «Musicae Sacrae», nos deve merecer a maior atenção. As primeiras fichas são preenchidas com cânticos do Advento e Natal.

Pedidos à Revista «Novelae Olivarum»

Seminário dos Olivais

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género — **Fundada em 1832** — *Rua da Vitória, 82-88 — Rua do Ouro, 166-170*

Lustres, Lanternas, Placas, Castiçais, Lâmpadas, Suspensões, Banheiras, Caldeiras, Esquentadores, Fogões de cozinha

Instalações sanitárias, Casas de banho, Pára-raios, Aquecimento central, Ascensores, Ventilação, Eléctricas, Contra incêndios, Telefone, Todos os trabalhos em latão e ferro forjado

NOVELLAE OLIVARUM

Director — JOÃO RODRIGUES

Redactores — HELDER VERÍSSIMO FRANCO — MÁRIO FERREIRA BACALHAU

Administradores — CARLOS ALBERTO SIMÃO — ANTÓNIO HENRIQUE OLIVEIRA

Proprietário e editor — ANTÓNIO DE JESUS ESCUDEIRO

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Composição e impressão na Gráfica de Gouveia, Ld.ª — Gouveia — Telef. 174

BAYER

Rioplex

uprama

ESCOLHA O TOM PRETO PRÓPRIO PARA O CLERO.
EXIJA NA OURELA A MARCA «**RIOPLEX**», POIS OS TECIDOS «**RIOPLEX**» SÃO **RESISTENTES** E DE CORES **ABSOLUTAMENTE INALTERÁVEIS**

LARG. 1,50 **PREÇO 80$00**



ÓRGÃOS PARA MÚSICA SACRA

WURLITZER ORGAN

O órgão aprovado pelo

Vaticano

CASA RUVINA

Rua Formosa, 173 — PORTO



FUNDADA EM 1756

"Genáculo"

VINHO PARA MISSA

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Snr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO

Rua das Flores, 69

LISBOA

Praça dos Restauradores, 14



MAIS UM ANO DE TRABALHO

É sabido que cabe à Escola educar, não apenas instruir. A afirmação redobra e adquire novo alcance quando se trata de um Seminário, instituição destinada a formar padres. Mais do que desempenhar a missão de qualquer escola primária, secundária ou superior, o Seminário pretende educar homens na imitação de Cristo, formar santos, e formar santos que sejam sacerdotes. Precisa de dar-lhes uma cultura, um saber especializado, tão especializado como o de um curso superior. Mas deve dá-lo num ambiente que não se limite apenas a favorecer a santidade, mas em que a santidade seja a preocupação primeira e mais constante.

Em ordem a este objectivo o Seminário constitue um quadro completo de vida, em que os alunos são integrados — e isto durante os anos mais decisivos para a sua formação intelectual e moral. Mas — e ao contrário do que sucede com uma Ordem Religiosa — esse quadro de vida não é definitivo nem tem sequer proporção ou semelhança com o ambiente que os espera ao sair da Escola.

O saber a comunicar-lhes é simultâneamente especulativo e prático. É um aprofundamento da doutrina cristã que deve levar à contemplação, mas que visa concretamente também a formar mestres, doutrinadores, guias das almas. Mais do que qualquer outra vida, a do padre exige uma inserção no real. Mas importa não confundir nunca visão do real com reportório de receitas. Porque o que o mundo pede ao sacerdote, o que Deus exige que ele dê ao mundo, não são receitas nem técnicas, é que viva e ensine a doutrina de Jesus.

Para ensinar assim, é necessária uma maturidade, uma longa maturação. A todos aqueles que fazem gala de afirmar que o mundo não necessita de «teorias», lembramos que há quem fuja de nós, porque não fomos capazes de lhe saciar a alma de certeza. Não é raro, infelizmente, ouvir a rapazes do liceu ou da universidade que se afastaram da Igreja porque os padres lhes não deram nunca resposta séria aos seus problemas vitais. Por outro lado, não é certamente repetindo os esquemas e a argumentação dos livros que se conseguirá tocar as almas. Dos livros à vida vai uma distância que tem de ser preenchida pela inteligência e pelo amor. O engenheiro não lê os livros de Matemática e de Resistência dos Mate-

riais a quem lhe pede que calcule uma estrutura. Simplesmente, não será capaz de calcular aquela estrutura concreta se não tiver estudado Resistência dos Materiais e Matemática. O exemplo vale na ordem da inteligência. E a conversão passa-se, mais ainda do que nesta, também na ordem do amor.

Dos livros à vida medeia sempre certa distância. É mesmo talvez um erro pretender que o professor possa dar na aula um ensino tão prático que dispense um trabalho ulterior de assimilação vital. O mestre pode prolongar até à vida as «teorias» que ensina. Pode e mais, deve levar os alunos a começarem a viver as «teorias» que aprendem. Mas tudo se perderá se os alunos se não convencerem de que o saber há de passar da memória para se ir fundir com as suas próprias almas.

Este trabalho terá de cumprir-se para além das aulas. Por causa dele, parece-nos errada toda a organização dos estudos, sobretudo na idade da formação da personalidade, que ocupe com aulas a quase totalidade do tempo escolar. Nem é isto minimizar a função dos professores. O professor tem precisamente o poder de dar vida ao ensino e de prolongar o ensino até à vida. Mas é preciso ainda que a vida corra para a lição ser aprendida.

Pensamos por isso que são do maior interesse — íamos a dizer indispensáveis — aquelas actividades a que, à falta de termo mais adequado, chamamos «extra-escolares»: os círculos de estudos, as academias de estudantes, as associações de carácter cultural ou deportivo. Aí se proporcionará ocasião de lidar com valores mais próximos da vida futura — e de os olhar, também, com toda a profundidade que o convívio com a «teoria» consegue dar.

* *
*

No incremento da tendência à associação, patente nos nossos dias, nomeadamente entre os estudantes universitários, vai talvez uma componente distinta, o desejo de inserção pessoal numa obra, que a vida escolar não bastou para satisfazer. Neste sentido, tal tendência apresentar-se-á possìvelmente como uma réplica, donde o perigo de as associações poderem contribuir para a formação de dois blocos: o da vida escolar, concretizada nos mestres, e o da vida extra-escolar, a representar os alunos. O problema, a ser real, assumiria, então, gravidade maior entre nós, dado que a formação de tais blocos (ou a simples ideia da existência deles), vai contrariar directamente o «quadro de vida» que o Seminário se empenha em realizar.

Cremos, no entanto, que tal perigo não é consequência necessária das actividades extra-escolares, mesmo que organizadas em grande parte pelos alunos. O problema é, antes de tudo, de tom geral, do espírito que anima a escola. Pode existir latente, embora na ausência de toda a organização; pode não existir por completo, mesmo com uma organização muito forte. Tudo depende da consciência que mestres e alunos tiverem da missão da escola, neste caso da missão do Seminário. É certo que a inexperiência dos alunos pode levá-los, mesmo na melhor das intenções, a conduzir as suas obras de modo menos prudente. Mas este escolho será evitado pela assistência efectiva por parte dum professor.

* *
*

Existe neste Seminário uma academia de alunos, a Academia de Santo António. Até que ponto as reflexões que fizemos se aplicam à Academia e a esta própria Revista? Em nosso entender, a Academia de Santo António e a «Novellae» não constituem, presentemente, dois problemas paralelos. A Academia parece-nos que deve ser uma actividade do tipo definido acima: um órgão de cultura em que os seminaristas tenham possibilidades de prolongar das aulas até à vida a sua visão do real. Mas entendemos que a «Novellae» deve ser mais do que isto, sob pena até de perder vitalidade e interesse. No ponto a que chegou, a Revista tem possibilidade de ser um elo entre o Seminário e os que dele sairam, um instrumento de cultura superior católica, destinado aos sacerdotes e aos leigos mais interessados nos problemas da Igreja contemporânea. Pensamos por isso que a «Novellae» se deve tornar não apenas a Revista dos alunos, mas a Revista do Seminário de Cristo-Rei. Não nos detemos no pormenor da realização, nem nos interessa discutir agora o que isso possa exigir de remodelação orgânica. Pessoalmente, ser-nos-ia grata a ideia de uma Revista dirigida ainda pelos alunos, mas de nível superior — portanto com a colaboração habitual dos padres do Seminário e de fora dele, assim como de militantes da Acção Católica. Mas cuidamos que seria tão grande o interesse duma Revista do Seminário e tão prometedoras as suas possibilidades que valeria a pena subordinar à sua realização o problema da iniciativa dos alunos.

O DIRECTOR

Factores de influência no comportamento espiritual das comunidades humanas

Por intuição e experiência, todos sabemos que o comportamento moral e religioso dos indivíduos e dos agrupamentos é fortemente influenciado pelas condições de vida desses indivíduos e agrupamentos. Quem se debruça sobre um cartograma, que traduz gràficamente um determinado aspecto da vida das comunidades humanas, pode verificar, por um lado, a diversidade de comportamentos individuais (sinal da liberdade real de cada homem), e, por outro lado, que a percentagem de indivíduos que tomam determinada atitude em relação ao conjunto de diversas atitudes prováveis, não é a mesma por toda a parte (o que mostra que em certas regiões, a liberdade é solicitada num determinado sentido mais do que noutras). Assim, por exemplo, em matéria de sentimento religioso, o cartograma da distribuição geográfica dos indivíduos que em Portugal se declararam «sem religião», por ocasião do censo de 1940, revela que, na metade norte do País, com excepção das cidades do Porto, Aveiro, Coimbra e Figueira da Foz, toda a população declarou, unânimemente, seguir a religião católica, ao passo que, na metade sul, em muitos concelhos, a percentagem dos declarados «sem religião» atingiu cifras superiores a 20 %, sendo curioso notar que estes concelhos «ateus» se agrupam em determinadas zonas.

Verificações semelhantes se poderiam fazer noutros cartogramas, nomeadamente nos da prática dominical, dos casamentos católicos, da natalidade ilegítima, etc. Neste último, da natalidade ilegítima, é impressionante verificar o contraste entre as Beiras do interior (distritos de Castelo Branco e Guarda), onde são raríssimos os casos de filhos ilegítimos, e as zonas costeiras do Alentejo (distritos de Setúbal e Beja), onde a natalidade ilegítima sobe a percentagens superiores a 50 %.

Ao fazer tais verificações, o primeiro movimento do espírito é perguntar: porque será assim? Porque será que o País se nos apresenta como um mosaico de grandes zonas moralmente sãs e religiosamente praticantes, alternando com outras de maior liberdade de costumes e menos prática religiosa? Porque será ainda que, por vezes, certas zonas, de prática dominical sensìvelmente a mesma, nos aparecem moralmente diferentes? (1).

---

(1) O distrito de Viana do Castelo, provàvelmente mais praticante que o de Castelo Branco, tem percentagem de filhos ilegítimos muito superior à deste. Os cartogramas atrás referidos serão publicados em breve com os trabalhos apresentados na I Semana de Estudos Rurais (Fátima, Páscoa de 1957).

Na busca de respostas a estes «porquês», somos levados a verificar que, no comportamento dos homens, para além das influências pessoais — que são inegáveis e por vezes importantes — há um somatório de influências de várias ordens que se exercem simultâneamente sobre o conjunto dos indivíduos que habitam numa certa região. Estas influências, actuando à maneira de pressão constante sobre as consciências individuais, tendem a criar uma determinada maneira de pensar, de reagir e de proceder, que os indivíduos vão adoptando de maneira insensível. Gera-se, assim, uma mentalidade e uma moral prática colectivas, que se traduzem num conjunto de ideias, sentimentos, hábitos e maneiras de viver que definem uma população.

Dominar estas influências, no sentido de eliminar as perniciosas e favorecer as benéficas, deverá ser um dos objectivos de quem tem a cargo a salvação eterna das almas. Assim, interessará à Pastoral e à Acção Católica (sobretudo à Acção Católica especializada), olhar para os indivíduos, não como seres isolados e desintegrados dos diversos meios, mas vivendo num mundo complexo, de que são em grande parte produto e construtores.

Estas influências têm origem em vários factores que no seu conjunto podem definir uma comunidade humana. Nas linhas que se seguem, faz-se uma breve análise dos principais destes factores, sem que haja a pretensão de os enumerar a todos (²).

1.º FACTORES GEOGRÁFICOS

A *orografia* duma região, isto é, o relevo do terreno com as suas montanhas e vales, tem uma importância decisiva na distribuição da população em tipos diversos de povoados, e também no traçado das vias de comunicação por onde circulam, juntamente com as pessoas e mercadorias as ideias que fazem e desfazem a civilização.

É lei verificada muitas vezes na História, que a correntes culturais, incluindo as religiosas, partem das grandes cidades — quase todas situadas junto à foz dum grande rio ou em planície atravessada por um grande rio — e daí irradiam, subindo pelos vales dos cursos de água, até atingirem as zonas mais remotas e as aldeias mais isoladas, perdidas nas montanhas.

Foi assim que aconteceu, por exemplo, com o Cristianismo. A penetração cristã começou a fazer-se nas grandes cidades (Jerusalém, Antioquia, Éfeso, Corinto, Roma, Alexandria, Marselha, Lião, etc.) e só depois, de maneira mais lenta, chegou aos campos. Ainda hoje a expressão «pagão», que vem de «pagi» — nome que os romanos davam às aldeias mais afastadas das cidades — é sinónimo de «não cristão», porque foram precisamente as aldeias («pagi») os últimos redutos a serem conquistados pelo Cristianismo vivo e avassalador dos primeiros séculos. Hoje, num processo inverso, são as aldeias serranas, mais defendidas da cidade, as que conservam o cristianismo tradicional, que já sucumbiu nas cidades por influência das ideias paganizadoras destes últimos séculos. Estas ideias, demolidoras em grande parte, continuam ainda a irradiar das cidades, pela via normal dos grandes vales. Um exame, mesmo super-

---

(²) O que se segue é parte dum trabalho apresentado na IV Semana de Estudos Paroquiais de Aveiro (Julho de 1957) sob os títulos «A Comunidade Humana».

ficial, dum mapa da prática dominical, mostra que: 1.º — na zona norte do País, (onde o processo de descristianização é actualmente mais snsível), as grandes cidades são menos praticantes que a província; 2.º — as regiões dos vales dos grandes rios (Douro, Tua, Tâmega, Vouga, Mondego e Tejo) são menos praticantes que as regiões internas; 3.º — na zona sul, onde o processo de descristianização já está muito mais adiantado, dá-se um fenómeno contrário: as cidades são mais praticantes que os arredores (Lisboa, Santarém, Setúbal), embora seja prematuro dizer que tal fenómeno é sintoma principalmente de uma sadia reacção católica.

A *orografia* e a *geologia* ainda têm grande importância na distribuição geográfica das zonas agrícolas de várias culturas, das zonas industriais, das zonas piscatórias, das zonas citadinas. Assim, nas lezírias dos rios velhos predomina a agricultura intensiva e juntamente com uma indústria florescente formam-se os grandes aglomerados urbanos. Nas zonas costeiras, os portos naturais têm o mesmo papel de fixação das multidões. Pelo contrário, as montanhas não são propícias às grandes aglomerações populacionais: o casario disperso e a pequena propriedade agrícola predominam nessas paragens.

Estes diversos tipos de povoamento, podem explicar, até cero ponto, o comportamento moral e religioso das respectivas populações. Assim, por exemplo, nas zonas montanhosas profundamente evangelizadas (Beira Beixa e Sul e Beira Alta), a dispersão e isolamento das populações favorecem a conservação das tradições e da intimidade familiar e a austeridade de vida e o contacto com a natureza ajudam a criar uma mentalidade religiosa e moralmnte sã; no entanto, as distâncias quando são grandes prejudicam a instrução religiosa e a prática sacramental.

Ainda nas regiões montanhosas, sobretudo se a dispersão populacional é grande e se a evangelização foi ou é deficiente, pode correr-se o risco dum embrutecimento que leva a uma moral baixa e a um certo anticlericalismo (Trás-os-Montes).

A influência da orografia junta-se muitas vezes a do *clima*. E nisto, o nosso País encontra-se dividido mais ou menos a meio pelo Tejo. A sul deste rio a pluviosidade é muito fraca, o que se traduz por uma agricultura de sequeiro, com predomínio da monocultura extensiva de cereais. As consequências são evidentes: grande propriedade agrícola, existência de um proletariado agrícola muito numeroso, desemprego oculto pelo regime cíclico dos trabalhos agrícolas, apelo de grande quantidade de mão de obra em certos períodos do ano, com os consequentes movimentos de ranchos. Estes factores, juntamente com outros de ordem mais etnográfica e histórica explicam o estado actual do nosso Alentejo.

A orografia e o clima explicam ainda o aparecimento do *turismo,* em certas regiões por eles mais beneficiadas. Entre nós o turismo ainda não tomou aquele desenvolvimento que o tomaram uma das maiores fontes de rendimento nacional de países como a Suiça e a França. Mas tende-se para isso.

Contam-se já por milhares os estrangeiros que nos visitam e são centenas de milhares as famílias das cidades que passam parte dos meses de verão em praias, termas ou excursões turísticas. Além da influência que o turismo pode ter como factor de revolução económica e social, o exemplo vivo da gente de fora, com novas maneiras de pensar, proceder e vestir, pode transtornar, em pouco tempo, a mentalidade e a vida de populações outrora muito cristãs.

Estes exemplos já bastam para assinalar a importância dos factores geográficos na formação dos diversos tipos das comunidades humanas, nas quais se enxertam as comunidades cristãs. A consideração destes factores pode levar a adoptar determinada orientação pastoral. Por exemplo, uma vez descoberta, para uma região, os núcleos populacionais mais influentes (cidades, grandes vilas ou centros industriais, normalmente), há que fazer incidir a maior parte dos esforços na cristianização desses centros. Seria vão querer defender a Fé e a moral das aldeias tentando isolá-las do mundo corrompido. A pastoral do momento presente, não me parece que possa ser uma pastoral de conservação, mas de reconquista.

2.º FACTORES DEMOGRÁFICOS

Os factores demográficos são, em grande parte, consequência dos factores geográficos. A distribuição da população em zonas mais densas e em zonas menos densas, faz-se de acordo com as facilidade de vida e de trabalho que o homem encontra ou não encontra nas diversas regiões.

É costume classificar as populações em urbana e rural, consoante vivem em aglomerados de mais ou de menos de 2.000 habitantes. Mas em cada um destes tipos há uma gama muito variada de tipos intermédios. No Alentejo, por exemplo, a população aglomera-se em grandes vilas, distando dezenas de quilómetros umas das outras, perdidas num deserto, onde aqui e ali se vê um «monte». Pelo contrário, nas regiões minhotas, a forte densidade populacional e a pulverização da propriedade, levaram ao aparecimento de uma infinidade de pequenos povoados, sucedendo-se uns aos outros, quase sem interrupção. Na Extremadura, onde predomina a média e pequena propriedade, as freguesias são constituídas por um número relativamente grande de povoações bem distintas e por vezes fortemente rivais.

Esta *distribuição desigual da população e das povoações,* juntamente com fenómenos migratórios e de crescimento demográfico, traduz-se também numa grande diversidade de tipos de paróquias de norte a sul do País. Assim, ao passo que na diocese de Bragança são raras as paróquias com mais de 1.000 almas (a média é de 730), no Patriarcado são raras, pelo contrário, as que têm menos (a média, excluindo as da cidade de Lisboa, é de 4.000). Pastoralmente isto tem grande importância: a psicologia do clero e dos fiéis é diferente numa paróquia de 500 ou 1.000 habitantes e noutra com 5.000 ou 10.000.

Em Portugal continental temos duas grandes cidades, Lisboa e Porto, ambas com os seus problemas muito característicos. Ligados aos problemas dessas cidades há ainda os dos seus arredores que não são menos graves. Nelas as proporções são muito diversas das que se encontram noutros centros urbanos portugueses. Basta dizer que há 2 paróquias na capital com mais de 50.000 almas cada uma, e muitas outras, nas duas cidades, com mais de 20.000. Multidões desta ordem não poderão nunca constituir comunidades paroquiais.

Mas, além do volume exagerado destas populações, há a considerar o seu *crescimento.* Nos dez anos de 1940-1950, das 43 freguesias civis de Lisboa, 26, isto é, mais de metade, diminuiram de população. São as freguesias velhas do centro da cidade, invadidas pelo comércio e sacrificadas à urbanização. Sairam delas, nos

10 anos, mais de 20.000 almas. Juntando-se às que vieram de fora, temos uma avalanche de 100.000 almas, que em 10 anos tiveram de encontrar morada nos bairros novos da capital.

Assim se explica o fenómeno das igrejas cheias ao domingo, da sobrecarga do trabalho paroquial, da falta imensa do clero, de paróquias e de templos...

Mas o crescimento da população é proporcionalmente mais rápido nos arredores da capital. Nos 10 anos considerados, muitas povoações mais que duplicaram o número de habitantes, criando graves problemas sociais, urbanísticos e pastorais. Como essas populações vivem da cidade ou para a cidade, o *problema dos transportes* é um dos mais graves. Basta dizer que só a Carris vê circular nos seus autocarros e eléctricos mais de 1.000.000 de passageiros por dia — sem contar com os que chegam a Lisboa, constantemente de camionete, combóio ou barco, vindos dos arredores, de um e outro lado do Tejo.

Já se podem vislumbrar outros graves problemas pastorais da capital: do ponto de vista psicológico: a tensão enervante de vida movimentada da cidade; do ponto de vista social, todo o problema da habitação e do trabalho; do ponto de vista moral, os divertimentos, a promiscuidade, a exploração dos vícios; do ponto de vista paroquial: a falta de clero, de igrejas, o crescimento, a instabilidade e o volume das populações, e tudo isto de mistura com a psicologia própria do citadino.

O crescimento destas populações urbanas (de Lisboa e de outras grandes zonas urbanas do País) não resulta apenas, nem principalmente, do excedente demográfico dos nascimentos sobre os óbitos. Resulta sobretudo das *correntes migratórias* constantes e volumosas das regiões rurais e agrícolas para os centros urbanos. Pode verificar-se: 1.º — que há zonas do País em que a população diminue absoluta ou relativamente; 2.º — que a população das zonas de atracção é constituida em percentagem mais ou menos elevada por «não naturais» — o que significa, por outras palavras: por desenraizados, desadaptados, gente em crise económica, social, moral e religiosa.

Tais movimentos — que se não podem deter — trazem problemas pastorais graves, tanto para as terras de onde partem, como para aquelas para onde convergem. Partem das zonas social e econòmicamente mais fracas — e uma análise dessas zonas, diz-nos que correspondem quase sempre às zonas tradicionalmente mais cristãs — com a agravante de que são os homens e rapazes na flor da vida os primeiros a sair, ficando para trás, por vezes para sempre, as mulheres e crianças, com a esperança de poderem partir também. Se esta desagregação familiar traz gravíssimas complicações para as que ficam, a situação moral das que partem não é melhor. São comunidades humanas que definham. As comunidades cristãs que elas constituem não podem deixar de entrar em crise. Os retornos da cidade ou as relações com ela agravam ainda esta crise.

Nas terras para onde vão, é fácil de calcular o que se passa. As dificuldades reais da vida a predisposição psicológica, os efeitos do desenraizamento, a corrupção do meio, causam gravíssima crise moral e religiosa no imigrante. Nos arredores da capital, a prática dominical não chega a 10 %, quando a maioria dos seus habitantes são gente recém-chegada de zonas do País, onde a prática religiosa é quase unânime. Além destas correntes migratórios que podemos classificar de definitivas, há as *migra-*

ções cíclicas, em certos períodos do ano, por motivo de trabalhos agrícolas. São várias zonas que fornecem mão-de-obra, e outras as que a requisitam. Destas, tem particular importância o Alentejo.

Calcula-se que todos os seus 100.000 trabalhadores agrícolas abandonem as suas terras para, em períodos que vão de alguns dias a 11 meses, trabalharam em terras estranhas. Há várias espécies de ranchos. Os que têm maior influência na vida do pessoal que os compõe são os ranchos que se deslocam por mais tempo e para maiores distâncias. Quase sempre são constituídos por gente nova, vivenda em condições de habitação deficientes, muitas vezes em grande promiscuidade, trabalhando sôfregamente, sem respeito pelo domingo. Salvo raríssimas excepções, são causa de ruína espiritual não só para os elementos que os compõem mas também para as terras onde trabalham. Mesmo os ranchos vindos das regiões mais cristãs do País dão os piores escândalos em matéria religiosa e moral como provam muitos dados colhidos por inquéritos da A. C. agrária. Mais uma prova da influência profunda que podem ter na vida dos indivíduos certas condições de existência ou de trabalho.

3.° FACTORES ECONOMICO-SOCIAIS

A vizinhança de residência não é o único laço que liga os indivíduos. Nas grandes cidades até a vizinhança é um factor de importância relativamente secundária. Há afinidades ideológicas e psicológicas mais fortes que ligam os indivíduos de modo a constituirem várias comunidades ou sociedades: família, município, nação, partido político, associação profissional, classe, etc. etc. Na terminologia a que estamos habituados na A. C., estes agrupamentos com tudo que constitui o seu enquadramento espiritual e material, chamam-se *meios:* não só os meios definidos pelas 5 vogais do alfabeto, A, E, I, O, U, mas há o meio familiar, o meio do trabalho, de divertimentos, etc.

A situação económica da família é uma das determinantes maiores da sua posição social, quer pelo tipo de ocupação a que tal situação obriga quer pelo acesso à cultura, à segurança, à independência e às comodidades da vida que permite.

Intimamente ligado ao *nível de vida,* está o género de trabalho e a posição perante o trabalho. Os 2 últimos censos de população permitiram calcular o número e a distribuição dos indivíduos activos nos vários campos de trabalho.

Geogràficamente a população agrícola ocupa em extensão, a maior parte do País. Mas a população não agrícola já ultrapassa ligeiramente a agrícola e mostra tendência a subir em números absolutos e relativos. O fenómeno do êxodo rural verifica-se em todo o mundo. É aliás uma constante da História da humanidade. Mas ùltimamente o movimento tomou um ritmo acelerado. Compreender-se-á o fenómeno se considerarmos que o rendimento do trabalho de um trabalhador agrícola é cerca de metade do do trabalhador industrial e um terço do do trabalhador dos serviços. A mecanização da agricultura dispensando braços, e os progressos da industrialização pedindo-os, explicam o êxodo rural. Calcula o Professor Castro Caldas que para termos a mesma distribuição da população activa que têm os E. U. A., seria necessário retirar dos trabalhos do campo 1.000.000 de homens válidos.

Este número explica-nos porque é que Portugal é o País da Europa com maior percentagem de proletariado rural. A Itália, que se tem lançado corajosamente em reformas aprárias para benefício de sua população rural proletária, tem 28 % de proletariado rural. Portugal tem mais do dobro: 60 %. E quase todo ele se concentra a Sul do Tejo. Aqui temos mais uma explicação para o estado do Alentejo.

Com efeito a condição proletária — quer no campo quer na cidade, quer na agricultura, quer na indústria ou em qualquer outro ramo da actividade — é uma condição desumana pela dependência económica, social, cultural e muitas vezes moral, em que coloca os indivíduos. Os estudos de psicologia proletária feitos ùltimamente revelam como os proletários não estão em condições psicológicas de terem uma vida normal de homens, uma moral sã e uma religião esclarecida e prática.

A pertença a determinado meio social é uma das coisas que marcam mais profundamente um indivíduo, imprimindo-lhe uma mentalidade e quase lhe impondo uma moral pragmática: a mentalidade e a moral do meio. Sem insistir neste ponto, para não alongar, apenas quero vincar a necessidade de orientar os esforços apostólicos e pastorais não só para a conversão ou afervoramento dos indivíduos, mas para o saneamento e cristianização dos meios e das instituições que os enquadram.

O primeiro cuidado do pastor das almas será conhecer bem esses meios, as influências que esses meios exercem e as possibilidades de sobre eles actuar.

Hoje já ninguém se ilude, por exemplo, àcerca dos efeitos da catequese na vida moral e religiosa da criança quando o ambiente de família onde a criança vive ou do trabalho onde vai ser lançada, são, pela indiferença ou hostilidade, corruptores da inocência ou da fé.

Embora os meios sociais sejam bastante estáveis por natureza, e impermeáveis às influências de pessoas estranhas, no entanto porque são constituídos por vontades livres, podem evoluir. Daqui a possibilidade da sua transformação — e, no caso que nos interessa, da sua cristianização.

É impossível alongar-me no exame dos diversos meios, que com os seus factores de influência enquadram e modelam os indivíduos. A sua análise diz respeito, em parte à sociologia e em parte à psicologia. De uma e outra ciência o pastor de almas deve ter o mínimo de conhecimentos para poder actuar eficazmente.

4.° FACTORES HISTÓRICOS

De todos os factores que modelam uma comunidade humana, podemos dizer que são as influências conscientes e livres dos homens uns sobre os outros as que têm mais profundas repercussões na vida dos indivíduos e dos agrupamentos humanos. Uma mesma região habitada por uma mesma população pode evoluir profundamente ao longo do tempo por causa de influências deste tipo.

As cristandades da África, tão florescentes até ao tempo de Santo Agostinho, morreram na Fé, em pouco tempo depois das invasões dos bárbaros. O nosso Alentejo, hoje tão em baixo moral e religiosamente, já deu Santos e impressiona ver o número de igrejas, capelas e monumentos religiosos que os antepassados nele ergueram. O nosso ideal missionário, outrora capaz de levar Cristo a meio-mundo, hoje está tão apagado que somos a nação cristã com províncias no Ultramar que tem menor número de missionários nas missões...

Ao procurarmos uma explicação para o estado a que chegou o sul do País, não a encontramos cabal nos factores geográficos, demográficos económicos e sociais. Devemos talvez encontrá-la no facto de que o sul do País foi evangelizado pelas ordens religiosas que já no tempo do Marquês de Pombal sofreram rude golpe e acabavam por ser extintas em 1834. O sul do País ficou assim muitos anos a fio sem clero que governasse, ensinasse e alimentasse a vida cristã dessas vastas zonas do País.

As guerras e revoluções políticas têm repercussões tremendas na vida dos povos. Quando elas têm a magnitude das últimas guerras mundiais, é toda a humanidade a sofrer e a transformar-se. É já lugar comum dizer-se que estamos num cotovelo da História. Mas não deixa de ser uma realidade que o mundo de amanhã será diferente do mundo passado.

Não basta que o Santo Padre esteja atento ao evoluir dos acontecimentos. É necessário que os pastores de almas e todos quantos na Igreja têm responsabilidades (clero, religiosos e leigos) tenham uma visão clara da situação e da sua evolução para que por eles a Igreja esteja activamente presente no surgir do mundo futuro.

Só quem tem a intuição desta evolução histórica pode compreender profundamente os grandes acontecimentos da vida da Igreja nos últimos tempos, nomeadamente o movimento litúrgico, o aparecimento da A. C., e a expansão missionária.

Estes factores históricos fazem-se sentir nos diversos planos em que a vida humana se organiza. No plano universal, no plano nacional, e também, mais localmente, numa paróquia ou numa região. Nestes planos mais modestos uma pessoa ou uma instituição podem ter influência profunda e duradoira, quer num sentido bom quer num sentido mau. Basta lembrar, a título de exemplo, a influência do Cura de Ars nessa pequena aldeia francesa irradiando até para toda a região e todo o mundo. Entre nós é também particularmente notável a influência profunda e duradoira da acção missionária dos Padres Jesuitas do colégio de S. Fiel na vasta zona beiroa que deve ser hoje a zona do País moralmente mais sã e uma das mais praticantes. Pelo contrário, algumas zonas, quer do nordeste do País quer do Sul do Tejo, hoje encontram-se descristianizadas pela influência de escândalos do clero.

Todos os párocos advertidos conhecem a importância que têm na vida das populações certas instituições ou certas pessoas.

Tudo isto são factores que podemos classificar genèricamente de históricos, que nos vários planos sociais condicionam a vida das comunidades humanas e que é preciso ter em conta na acção pastoral.

PADRE MANUEL FRANCO FALCÃO

Bíblia e Liturgia

A PROPÓSITO DO CONGRESSO DE STRASBOURG

A cidade de Strasbourg viu reunido, este ano, do dia 25 a 28 de Julho, dentro de seus muros e em torno da flecha gigante da sua catedral, o 3.º congresso nacional do C. P. L. (Centro de Pastoral Litúrgica) de França, subordinado ao tema «Bíblia e Liturgia».

O C. P. L. não é organismo oficial, mas funciona sob a orientação última da Hierarquia, como não podia deixar de ser, e os seus directores têm da Hierarquia o seu mandato. É, portanto, instrumento de apostolado da Igreja em França, sob a orientação de pessoas da mais sólida preparação teológica e da mais comprovada experiência.

O órgão oficial do Centro, a revista *Maison-Dieu,* é hoje, em todo o mundo, uma das melhores (para ser modesto), no campo da pastoral litúrgica.

Todos os anos o Centro organiza alguns dias de encontro, normalmente em Versailles, para estudo de qualquer tema particular, julgado mais oportuno. Vários têm sido já os temas estudados, sempre do maior interesse, cujas conclusões não podem deixar de reconhecer-se no substracto do muito que se tem realizado na pastoral contemporânea.

Encontros deste género são, certamente, mais eficientes do que os grandes congressos. É assim pela natureza da coisa: menos participantes, temas tratados mais em profundidade, quer nas conferências, quer nos *carrefours,* encontros pessoais mais directos, ideias mais clarificadas, resultados mais concretos.

Este ano, e já pela terceira vez, dilatou-se o âmbito desse encontro e foi-se para um Congresso, para um ponto de convergência, como o termo significa, de gente mais numerosa e vinda de lugares mais díspares.

Strasbourg, que já os Romanos tinham conhecido pela abundância de prata, pelo que lhe chamaram *Argentoratum,* na confluência do mundo francês e alemão, falando ambas as línguas e mais uma terceira exclusiva da região, e recentemente quase convencida, pelos de fora, de que pode vir a ser capital da Europa, Strasbourg pareceu oportuna para o grande encontro.

Dum congresso deste género, como do internacional de Assis, do ano passado, não se espere que possa vir a ser, como nos pequenos encontros de Versailles, escola de estudo tão delimitado e tão profundo. Poderia talvez chamar-se-lhe grande exposição de valores já adquiridos e, ao mesmo tempo, de projectos ou, mais ainda, de necessidades a estudar no futuro.

Antes de partir, eu próprio me pus a mim mesmo a pergunta, se valeria a pena ir tomar parte no congresso.

E aconteceu-me como a S. Tomé!... Ver é ainda o testemunho insubstituível.

E foi a primeira nota impressionante do congresso, o que se viu.

Viram-se cerca de 3.000 pessoas, na maior parte clérigos, entre eles alguns Bispos de França, dois da Alemanha, um até da parte oriental, que ali veio, como o ano passado havia ido a Assis, trazer o testemunho eloquente da sua Igreja do silêncio.

Entre os sacerdotes, havia-os também estrangeiros, embora o congresso fosse nacional, e nestes quatro portugueses, de Lisboa.

Acresciam ainda muitos religiosos de vários institutos, sobretudo dos que se dedicam ao ensino; havia leigos, senhoras principalmente.

Nota curiosa foi a presença franca, pois foi com inscrição, de vários protestantes, pastores alguns.

Um deles explicou-me sem que o interrogasse a sua presença ali no congresso.

Era um simpático suíço, de fato preto e gravata da mesma cor, que para tomar o pequeno almoço, escolheu, em todo o restaurante vazio, o lugar livre na pequena mesa em que já estava o padre católico. Julguei-o sacerdote alemão, pois é normal vê-los trajar assim. Chegaram-se as horas do Pontifical de encerramento, na catedral, bastante afastada dali, e chovia fortemente, sem contemplação por quem não trazia sempre no braço o guarda-chuva essencial dos alemães.

— Sou suíço — explicou. Sou pastor protestante. Interessa-nos muito o tema do congresso, «Bíblia e Liturgia», e gostamos muito de ver que os católicos de novo se voltam tão interessadamente para a Bíblia.

Mas tudo isto em tom tão simples e tão irmão, que o pastor, quando se apresentou como tal, nem por sombra imaginou preparar o campo para possívvel duelo de controvérsia barata (a que por cá andamos habituados), como aquele grupo de «devotos» que há tempo, na Baixa de Lisboa, de regresso duma «assembleia», ia a todo o instante encontrando pretexto para, de um banco para o outro do «eléctrico», se chamarem em voz alta, «irmãos», enquanto de través entortavam o olho para ver como, ali mesmo ao lado, reagia o padre católico, que lá por dentro, se divertia com a comédia.

Numa lógica que o interesse de ambos justificava, o pastor protestante, continuava:

— Vai para a catedral? Eu também. Venha comigo.

E foi uma providência naquele momento de chuva o Volkswagen do pastor suíço.

Ainda pelo caminho acrescentou:

— Vai entre nós um grande movimento teológico, principalmente a respeito da Eucaristia, que há tendência para começar a considerar não só como *memorial* mas também como *sacrifício*.

O carro parou mesmo em frente dum muro donde nos saudava esta inscrição: «Attention à la réaction cléricale». Trocamos um sorriso compreensivo e entramos ambos na catedral para a celebração da Eucaristia!

* *
*

O tema «Bíblia e Liturgia» tinha sido já desenvolvido no excelente livro do P. Daniélou, S. J., editado, com este mesmo título, pela editorial «du Cerf», na Colecção *Lex orandi* do C. P. L.

A Bíblia é uma das fontes da Revelação; é a Palavra de Deus, escrita sob a Sua inspiração, e a nós apresentada, como tal, pela Santa Igreja, para que os homens conheçam a história de Deus no nosso mundo humano, criando-nos, elevando-nos ao mundo da graça, vendo-nos cair no pecado e de novo restaurando-nos em Cristo, Deus feito Homem e na Igreja, Seu Corpo Místico e Seu Complemento.

O uso e sobretudo o abuso que dela fizeram os protestantes da Reforma, sujeitando-a ao capricho de interpretação pessoal, puseram no coração dos católicos um tal medo, que até aos dias de hoje falar em Bíblia é razão para se suspeitar de protestantismo. E, por tal motivo, nós, os católicos não temos tido devoção à Bíblia, e, o que é pior, isto tem-se por menos digno de reparo do que não apreciar a «História duma alma» ou a «Imitação de Cristo»!

A Bíblia conta-nos a acção de Deus salvando o mundo em Cristo; a Liturgia é essa mesma acção salvadora de Deus, presente a nós na linguagem eficaz dos sinais sacramentais.

Dois tipos diferentes de revelação da mesma transcendente realidade — Deus que vem —, não admira como a prática da Igreja sempre uniu intimamente a celebração da Palavra à celebração sacramental.

O expoente máximo deste procedimento é a celebração da Eucaristia, em que desde a mais remota tradição vemos associada a *proclamação* (e não digo simplesmente a leitura ou a meditação), a *proclamação* da Palavra da Bíblia à celebração do rito sacramental, de tal sorte que se torne claro aos olhos da assembleia que a realidade que a Palavra *anuncia,* a acção sacramental ali a *representa.*

O mesmo se poderia dizer de qualquer outra celebração litúrgica, em que normalmente a Bíblia fornece a maior parte dos textos das leituras ou dos cânticos ou, pelo menos, a fonte de inspiração para as melhores composições de autoria pròpriamente eclesiástica, não falando já, evidente, da revelação da própria ordem sacramental, pelo menos, para alguns sacramentos.

É que, numa e noutra, o que está realmente em jogo é a mesma acção de Deus que, «em Cristo, reconcilia consigo o mundo».

Sucede que a narração bíblica nos dá a origem história ou o sentido espiritual deste ou daquele rito; e sucede igualmente que só a realidade cristã, apresentada na Liturgia, nos dá a profunda e *plena* inteligência das acções e palavras divinas contidas na Bíblia.

Por exemplo, (e vários foram no congresso os oradores que o tomaram), a primeira página do Génesis abre diante de nossos olhos o enigma das origens: Deus criou; criou o mundo como um jardim de delícias para o homem que aí estabeleceu como rei e a quem fez, por graça, Seu filho.

Mais além, mostra-nos como após o pecado, Deus julga, castiga e redime os homens pecadores com o dilúvio de água.

E no livro do Êxodo lê-se a história do povo que é salvo e libertado por meio da água do Mar Vermelho e assim introduzido na Terra Prometida.

As três narrações têm o seu sentido próprio, como três páginas que são da história do mundo, no seu género literário peculiar, que os estudos bíblicos esclarecem.

Mas é quando proclamadas na noite pascal que acaba de se lhes entender o seu pleno sentido, quando se compreende que a criação, no seu último estádio, é ali no Baptismo, como é ali, naquela água, que é água do julgamento de Deus, que se exter-

mina o pecado e salvam os eleitos, como é ali que se opera a travessia do mar e do deserto e se entra na Terra da Promessa.

Os factos antigos da história santa do A. T., embora factos explicáveis e com sentido em si mesmos, entravam na história duma humanidade, que Deus encaminhava para algures, algures esse que seria o complemento de toda a criação, como era o seu princípio — Cristo.

Deste modo, a história do mundo anterior a Cristo é história divina, mesmo em todo o seu condicionalismo humano, por vezes bem infeliz, e a *plena* significação dos factos do passado só o futuro o sabe revelar. Este futuro são os últimos tempos, os de Cristo, cuja vida a Liturgia perpetua na Igreja.

A Bíblia é ao mesmo tempo Palavra de Deus e Testemunho da Sua acção no mundo, desde as origens até à consumação, até aos tempos da Igreja. A Liturgia agora renova na Igreja, essa divina acção até ao dia em que «os céus e a terra», o tempo dos sinais tenha passado e já nada exista senão o eterno presente, a última página da História Santa.

* *
*

No enorme salão do Wacken, habituado a encontros numerosos de todo o mundo europeu, tivemos ocasião de escutar alguns dos mestres franceses contemporâneos, mais afamados nos temas do congresso, sempre sob a alta presidência de Mgr. Weber, Arcebispo de Strasbourg, que no princípio apresentou saudações de boas-vindas a todos os congressistas. Tanto bastaria para que nos encontrássemos todos reunidos em «Igreja», assim presididos pelo Pontífice diocesano.

Fez a abertura do congresso o cónego Martimort, um dos directores do C. P. L., sublinhando com regozijo que no fim de tantos anos de trabalho do Centro, nada havia a modificar na orientação profundamente bíblica do movimento de apostolado litúrgico, pois, desde a primeira hora, assim ele tinha sido orientado.

Seguiu-se a lição do P. Jounel, igualmente do Centro e professor no Instituto Superior de Liturgia de Paris, sobre o tema «a Bíblia na Liturgia», a saber, como «se não pode celebrar a Liturgia sem encontrar a Bíblia a cada passo», tanto nas liturgias do Ocidente, como nas do Oriente. E convenceu-nos de que a própria organização dos ofícios litúrgicos, que o mesmo é dizer, a maneira habitual de a Igreja celebrar as suas assembleias, quer sejam mais de tipo catequético, quer antes de tipo eucológico ou «sacramental», sempre é à Bíblia que Ela vai buscar os seus temas e os seus respectivos desenvolvimentos.

O P. Daniélou, S. J., é uma pessoa que lê nos *factos* da Bíblia, como qualquer outra pode ler as suas *letras* e *palavras*. Não defensor dum *alegorismo poético,* mas amigo da *tipologia autêntica,* foi ele um dos que melhor aproximou os grandes temas bíblicos, atrás citados — criação, dilúvio, saída do Egipto — da celebração litúrgica da noite pascal, na conferência que intitulou «Sacramentos e História da salvação». Ao ouvi-lo pensava como é diferente a aproximação puramente material destes temas, que, às vezes, até os nossos missais para os fiéis não conseguem evitar, e a visão espiritual que nos ensina a compreender que «o mesmo Espírito, que no princípio

excitou a primeira criação, Esse mesmo Espírito agora provoca a segunda génese, a segunda criação, e que, quem assim não nascer, não pode entrar no reino de Deus».

Insistiu em como «a teologia bíblica ajuda a compreender a teologia dos sacramentos» e ficou a compreender-se que a doutrinação, partindo da Bíblia, não é arqueologia nem sequer *um* processo... erudito, agora em voga, mas o único processo cristão, pois que os sinais sacramentais do N. T. existentes na Liturgia se estruturam, em linha de continuidade, sobre idênticos sinais do A. T., até porque é a mesma salvação que se opera na História Santa e nos Sacramentos».

Ao encerrar o ciclo das conferências deste primeiro dia, falou Hans Urs von Balthasar, sobre o tema «Deus falou uma linguagem de homem». Tão difícil de seguir em conferência falada, dada a cerração e profundidade dos muitos ainda que belíssimos conceitos, como agradável na leitura de seus livros, veio o grande pensador trazer ao congresso uma nota de internacionalismo cristão, com o seu testemunho de além-Reno.

No segundo dia, outro nome era esperado com grande simpatia, o P. L. Bouyer, do Oratório. Subordinou a sua conferência ao tema «Lugar da Palavra no Mistério, explicado logo pelo subtítulo «celebrando o culto, anunciamos as maravilhas de Deus», onde o termo «mistério» é, evidentemente, «o mistério do culto», a ordem sacramental da Liturgia, e «as maravilhas de Deus» retomam o termo dos *Actos,* para significar toda a obra da salvação, manifestada por Deus aos homens, e agora testemunhada, com o fogo que lhes vinha do Espírito Santo, pelos Apóstolos, no Pentecostes.

Clareza, profundidade teológica, não de uma teologia, que fosse pura digressão escolar, mas visão humilde e apaixonada dos caminhos de Deus, nos livros da divina Revelação, belíssima maneira de expor, tudo aliás o que se podia esperar do autor de *Le mystère pascal.*

Diz-se, às vezes, que estes congressos já não trazem revelações. Talvez sim e talvez não. Tudo o que por lá se ouve, já se encontra dito ou escrito aqui ou além. Mas eu penso que ouvir o P. Bouyer e outros como ele, traz novidades, porque não andamos ainda suficientemente *habituados* a ser alimentados em nossos caminhos espirituais, com a abundância forte e saborosíssima do pão autêntico.

De não o frequentar, há muito quem o tome por alimento de luxo, senão mesmo perigoso; em todo o caso, débil e sem substância!

Podemos, perigosamente, e tanto mais quanto mais recto é o nosso juizo, desabituar-nos de julgar da nossa própria *piedade,* pela maneira como a Igreja vive a Sua vida religiosa, ou, o que seria pior ainda, podemos habituar-nos a julgar da piedade da Igreja, através dos critérios do que chamamos a «nossa» *piedade.* Afinar critérios é o primeiro passo, sempre.

Em seguida, o P. Roguet, igualmente director do C. P. L. expôs o tema «Toda a Missa proclama a Palavra de Deus», concretizando, dalgum modo, na liturgia da Missa, temas atrás expostos com maior generalidade.

À luz da sua exposição, pareceu-nos bem claro como a liturgia da primeira parte da missa é uma liturgia autêntica, a que mais conviria o nome de «Liturgia da Palavra» ou «Liturgia evangélica», do que «missa dos catecúmenos», como que parecendo não interessar aos *fiéis* de hoje; e que ela se articula de tal sorte com a «Liturgia

eucarística» que uma chama espontâneamente a outra, de sorte que o que foi primeiro proclamado, seja logo presente em mistério.

Toda a gente de hoje conhece o P. Gelineau, S. J., através dos seus já célebres *salmos*. O P. Gelineau trouxe também ao congresso o seu testemunho, na conferência que intitulou: «A Igreja responde a Deus, pela Palavra de Deus».

Cristo, afirmou, que se fez, para nós, Dom de Deus, fez-se igualmente, por nós, acção de graças. Ele é o Dom que Deus Pai nos envia e Ele é a Palavra com que a Igreja, principalmente no sacrifício, responde ao Pai, porque, o Verbo feito Homem é, Ele próprio, a oblação.

De igual modo, às palavras de Deus, a Igreja responde com palavras de Deus, e assim é que Ela sempre preferiu, para o Seu canto, em suas celebrações, as próprias palavras inspiradas, sobretudo as do Saltério. «A palavra de Deus é fiel e a Igreja pode representar-Lha com confiança».

Às vezes, explicou, pode parecer que os salmos são muito distantes de nós, ou que são demasiado humanos, até pouco cristãos. Mas é preciso não esquecer que Jesus é também «Filho do Homem», que sobre Si tomou todas as necessidades e fraquezas e pecados dos homens.

E em nós, homens, em nós mesmos, cristãos, há sempre algo de não convertido, cuja linguagem própria é a do que luta ainda contra o Inimigo, contra Satan.

O coração do saltério, é talvez esta *luta* de Cristo contra o adversário, contra Satan. Esse inimigo, tantas vezes presente no saltério, não é assim o próximo... é o Inimigo, em mim, sou eu, o ainda não convertido, que resiste.

Mais tarde, no *carrefour*, uma estudante universitária inquiriu do P. Gelineau se estava certo que agora lhes fizessem cantar os salmos a torto e a direito, até seguir à consagração! Que também lhes fazia falta o silêncio! (Este pormenor!, «a seguir à consagração» que significativo tanto da boa formação da estudante, como da má, de quem lho fazia cantar!).

O ilustre compositor de tantas belas melodias para a tradução *francesa* do saltério da «Bíblia de Jerusalém», respondeu que muito gostosamente aproveitava aquele ensejo, para dizer umas tantas coisas que já há muito gostaria de ter dito. E disse, pouco mais ou menos, que estava sendo grande graça que o povo cristão voltasse ao canto dos salmos; mas que isso não devia significar que agora os salmos tenham de ser gastos por *toda* a parte, *sem critério*, escolhidos, sobretudo, porque têm uma melodia mais interessante.

Não estava o P. Gelineau em situação de insistir neste último ponto; mas insistiu em que a graça, para o nosso tempo, era que o povo cristão voltasse ao saltério, aos salmos, às palavras de Deus, para com elas responder à Palavra de Deus. Podia também ter dito que é graça e grande, poder fazê-lo em melodias tão belas, como as suas, principalmente para o génio francês; mas o que deve estar na base dessa resposta lírica do povo cristão à Palavra escutada, são os *salmos*, cujo *texto* deve ocupar, portanto, o principal lugar, segundo a tradição constante da Igreja.

(Isto a propósito dos salmos. Que não diria o P. Gelineau se fosse interrogado a respeito do que habitualmente se ouve por aí... mesmo depois da consagração, no momento mais sagrado do Sacrifício, que não é então para cantar, mas para silenciar!...)

O terceiro dia foi para certos temas de aplicação mais concreta. Assim o P. Coudreau falou de «Bíblia e Liturgia na catequese». Sentiu-se na palavra daquele

especialista o desejo de que se caminhe, cada vez mais, para a síntese, na maneira de encontrar o mistério da Igreja. Os nossos dias são filhos de tempos de desintegração na vida, mais ainda do que eles próprios o são da desintegração atómica. «A catequese, disse, tem sido, desde o século XVI, tripartida: Catecismo, Bíblia e Liturgia. Não o foi assim na época dos Padres, que, pela catequese, levavam simplesmente à participação do mistério da Igreja. O catecismo sofre, em geral, de falar só à inteligência e de não fazer entrar nesse mistério. A Bíblia não é colecção de histórias ou exemplos edificantes ou directrizes morais; é uma Presença, a Presença de Deus que se aproxima do homem. E Deus fala não só por palavras, mas também pelos factos, etc., que tudo revela as *mirabilia Dei*, os admiráveis caminhos de Deus. A palavra conduz à abstracção, o facto à realidade de que ele é sinal».

A Liturgia é hoje esse sinal das realidades sobrenaturais, que o Catecismo ensina. A questão não é, portanto, sòmente de fazer catequese paralela ao ano litúrgico, acompanhando os diversos tempos, mas, em última análise, de levar, pela catequese ao mistério da salvação, presente na vida da Igreja, principalmente na sua Liturgia.

Por fim o P. Lécuyer fez a sua conferência especialmente de aplicação ascética, sob o tema evangélico «Felizes os que escutam a Palavra e a põem por obra», de sorte a lembrar que toda «a palavra que de Deus nos vem, a Ele não voltará vazia, mas que há-de operar aquilo para que foi enviada» (1), e que é, em cada homem, a salvação, desde que este se abra à maravilhosa fecundidade de que ela é portadora.

Apresentaram ainda as suas comunicações o P. Pézeril, trazendo o testemunho duma paróquia de Paris sobre «a iniciação bíblica e litúrgica numa paróquia», e o P. Moeller, que foi encantador de ouvir-se na profundidade de seus conceitos de grande humanista, sobre o tema: «Poderá, no século XX, ser-se homem da Bíblia?».

Os apontamentos que aí ficam não podem deixar de ser imensamente vagos e não pretendem, de forma alguma, ser o resumo dos trabalhos apresentados, nem nos seria possível fazê-lo antes que a *Maison-Dieu*, como é de esperar, os publique integralmente.

* *
*

Numa sala ao lado da das conferências esteve todos os dias, patente enorme exposição de livros, revistas, discos, filmes, gráficos, etc., relacionados com o tema do congresso ou com o C. P. L.. Muita coisa e muito boa. Comentávamos nós, dois vizinhos portugueses: «Estes amigos nem sabem as facilidades que têm. Se querem preparar qualquer celebração, é só escolher qual a tradução que preferem, quer da Bíblia, quer dos Padres, lançarem mão dos cânticos, que é difícil escolher dentro da variedade que aí se vê. Nós... temos sempre o mérito de fazer tudo, desde o esquema, à tradução, à música. E, às vezes, também sai óptimo!

* *
*

É interessante observar o progresso que se tem feito, de ano para ano, na perfeição do trabalho de apostolado litúrgico. É evidente, que nem tudo, quando apareceu,

(1) Is. 55, 11.

de primeira vez, apareceu logo perfeito. E, além disso, *mutantur tempora!* Assim, por exemplo, o uso do missal pessoal veio substituir o do terço ou o do «Método de assistir à missa segundo...», com não pequeno escândalo de alguns, que ainda choram esses tempos! Veio a era do missal. E foi uma graça de Deus. Mas para muitos, talvez para a maior parte de nós, era a derradeira palavra, que resolvia, radicalmente, todo o problema de autêntica participação.

Assim para os avançados espíritos litúrgicos (?), porque, para alguns ainda, o missal não passava da última edição de «O meu livro de orações» ou das «Orações diversas».

Aperfeiçoou-se a participação comunitária, e começou a sentir-se que o missal não era afinal o melhor meio de realizar a comunidade na celebração, que não passava da melhor maneira, talvez!, de cada um, solitàriamente, *seguir* uma função que, pela própria estrutura da sua celebração, é comunitária: o ministro proclamava a Palavra; cada qual a deve escutar, (e não é normal que a leia no seu livro); os ministros sagrados travam com a assembleia um diálogo, e o normal é que este diálogo saia espontâneo, na mesma língua; o celebrante reza em voz alta, em nome de todos, e o normal é que todos o escutam em oração comum.

Donde que, se o missal ajuda à prece comum, é óptimo meio para participação; se apenas facilita que eu me *individualize* na *minha* oração, feita *simultâneamente* com os ministros sagrados, então o missal não realizou a autêntica participação e é de substituir-se, pois o único «método de assistir à missa» é assistir activamente à *missa,* e não ao missal, mas à missa, àquela acção sagrada, onde cada um desempenhe o papel que lhe compete e que para ele está previsto.

A esta luz, o missal é *instrumento* de participação; mas instrumento apenas e, como tal, sem valor em si mesmo, prejudicial quando não for útil, dispensável quando não for preciso.

Veja-se como numa parede da sala se expunha esta doutrina nos dois esquemas seguintes que traduzimos:

I

UM MISSAL?	**CERTAMENTE**
	MAS
ESCUTAI	a epístola e o evangelho, palavra viva proclamada pela Igreja.
CANTAI	para compartilhar a vossa alegria na assembleia cristã.
UNI-VOS	à oração pelo diálogo e pela atenção silenciosa.
ORAI VERDADEIRAMENTE	sem procurar seguir tudo palavra por palavra.

II

«ASSISTIR» à missa

tomai { o vosso terço / um livro de meditação / um missal ilustrado / ou coisa nenhuma...

SEGUIR a «vossa» missa

tomai um MISSAL ANTIGO

{ tradução literal / introduções históricas / devocionário

VIVER a missa

tomai um MISSAL MODERNO

{ traduções fiéis e adaptadas / comentários que introduzam no mistério / sugestões de ordem litúrgica

utilizai-as { na missa: com moderação / em casa: muitas vezes

Esta clareza e precisão de linguagem revela estupenda arrumação de ideias, qualidade primeira para qualquer atitude.

A um congresso de pastoral litúrgica não podia faltar a oração litúrgica. Como já é tradição em circunstâncias semelhantes, cada reunião era precedida, *in loco,* da respectiva hora do ofício divino, fazendo o P. Roguet a introdução a cada salmo, por um pequeno comentário.

Assim ficava o dia matizado com a oração da Igreja, rezada em comum, e o cumprimento da obrigação canónica não levantava problemas, em dias de tanta azáfama. E os leigos não chegavam atrazados! Felizes tempos em que até os leigos já não chamam ao ofício divino *onus diei,* mas sim *opus Dei!*

Pela tarde, acabados os trabalhos, os «eléctricos» esperavam em fila, às portas do Vacken aquela multidão que se deslocava até à catedral para cantar *Vésperas.* E era coisa de admirar a enorme catedral, literalmente cheia, na sua nave central, a ressoar ao canto dos salmos das *Vésperas* do dia, solenemente cantadas. O P. Roguet fazia de novo a introdução de cada salmo e todos, acocorados nas inestéticas cadeiras-genuflexórios, (que felizmente ainda por cá não foram imitados), encontravam na divina Salmódia alguns momentos de oração sentida e profunda.

É possível que haja quem seja tentado, (e não vença mesmo a tentação), a taxar esta visão das coisas de estetismo poético ou outros nomes quejandos, segregados pela mesma reacção, essa profundamente sentimental! Para tal não há resposta. Como o Senhor para os seus primeiros discípulos, poucas explicações. *Veni et vide!* É vir e ver, porque há coisas, as coisas justamente que são vida, que não se explicam; ou, se se explicam, não se podem entender. É ver! E eu vi uma igreja cheia a rezar e a

cantar, (se a coisa é diferente), *una voce,* numa só voz, como num só espírito. Não era o encontro fortuito de muita gente, não era a multidão, que essa não é, por si mesma, a *ecclesia,* era a união, a unidade, «num só coração e numa só alma», unidade esta realizada em última análise, pelo Hierarca daquela Igreja, o Pontífice diocesano, que atrás e por cima do altar, presidia à oração. Isto é comunidade, e, sem *esta* comunidade, não há Igreja. Pode às vezes, a presença da Igreja estar reduzida ao seu presidente, que na ausência dos outros membros, a representa e como que a condensa em si, e que, em qualquer caso, nada de eficácia perde em seu poder sacerdotal, pelo qual sempre age em nome de toda a Igreja de Deus. É ela toda que sempre está implicada no exercício de seu poder sacerdotal. Mas quem se atreve a afirmar que a comunidade, reduzida a seu presidente, está em normal exercício da sua actividade? A comunidade cristã é uma comunidade cultual, litúrgica, e quase todos os formulários da Liturgia pressupõem que ela se realize *em* comunidade e não só *em nome* da comunidade... ausente.

As celebrações de Strasbourg foram, neste ponto, uma bela realização.

Adiantei o comentário a propósito de *Vésperas,* mas melhor o poderia ter feito a propósito da Missa de pontifical diária, e principalmente da do Domingo de encerramento do congresso, e da sua vigília preparatória, no sábado à noite.

Nesta última, sobretudo, nem tudo foi excelente. Parecia haver soluções de compromisso, nem sempre compreensíveis. Mas, de modo geral, foi muito bom. De todos os momentos, o que melhor resultou na participação externa, tanto na vigília como na Missa, foi a entrada. Num ritmo simples, largo, com melodia inspirada de perto no intróito gregoriano, de óptima composição, (Dom. VII depois do Pent.), com os seus belos intervalos plenos de sonoridade e de grandeza, que o orgão monumental e uma trompete bem afinada iam sublinhando, apetecia dizer e cantar o texto do salmo 46: *Omnes gentes, plaudite manibus; jubilate Deo in voce exultationis* (2), enquanto o Pontífice, acompanhado por seus ministros e precedido da teoria infindável do clero em hábitos corais, se aproximavam do santo altar, para renovar o Sacrifício do Senhor. Nada de explicações, nada de argumentos esclarecedores! A gente sentiu-se arrepiada, e capaz de compreender o êxtase de Jacob depois do sonho de Betel: Ali era «a casa de Deus e a porta do Céu».

No mesmo dia, à tarde, foi o encerramento.

Mgr. Garrone comentou a palavra do Senhor «As minhas palavras são espírito e vida», e um leigo, Paul André Lesort desenvolveu o tema «A Aliança é hoje».

Porque são espírito, as palavras do Senhor são imortais, «permanecem para sempre», são vida, e vida eterna. Isso explica que a Bíblia seja o livro de sempre, porque ela contém a Palavra do Senhor.

E a aliança de Deus com os homens, que essa Palavra nos revela, a Liturgia a torna *sempre* actual. Ela não foi apenas de ontem. Como Cristo, que a realiza em perfeição, a aliança «é de ontem, de hoje, do século futuro» (3). Por isso, a nossa Liturgia, a Liturgia de hoje, repete tantas vezes em suas celebrações: *Hodie, hoje.* «*Hoje* sabereis que o Senhor vai chegar...» (4).

---

(2) «Ó vós, todas as gentes, aplaudi; cantai a Deus com cânticos de alegria».
(3) Hebr. 13, 8.
(4) Vigília do Natal.

«*Hoje* Cristo nasceu; *hoje* apareceu o Salvador; *hoje* os anjos cantam...» (5).
«*Hoje* do céu desceu uma grande luz...» (6).
«*Hoje* é o dia que o Senhor fez...» (7).
«*Hoje* o Espírito Santo desceu sobre os Apóstolos...» (8).

Não é apenas a comemoração; é a *presença,* no mistério do culto, da salvação que nos vem de Deus. E é, por isso, que a Igreja não envelhece, mas todos os dias se renova, na renovação quotidiana da aliança com o Senhor.

* *
*

«O que por aqui mais impressiona é o interesse e a convicção de toda esta gente», comentava um dos nossos.

Mas impressionava realmente ver a maneira franca como cada um se interessava pelo tema do congresso. Instintivamente a gente faz o confronto com a nossa terra. E mais uma vez nos convencemos de que não somos menos abertos do que os outros aos grandes temas da pastoral contemporânea, que a nossa mentalidade, ao menos em vastas regiões, está capaz de aceitar e de pôr por obra uma séria experiência de vida pastoral, estruturada sòlidamente nas bases firmes da Bíblia e da Liturgia. Haverá mesmo outras?

No entanto, parece às vezes, que a coisa não se encara ainda bem de frente. Mais se receia dos desvios possíveis (onde não são eles possíveis?), do que se espera dos valores certos e seguros. Ainda há muito de trabalho para libertação de preconceitos, antes de aderir à verdade positiva; como se depois de provar que 2 vezes 3 são 6, fosse preciso demonstrar que não são 5 nem 7.

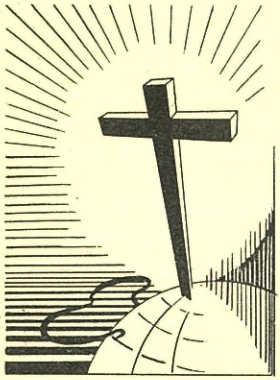
Apesar de tudo, não nos falece nem zelo pastoral, nem visão nos caminhos a seguir. Se tivéssemos sido mais persistentes, e trabalhássemos mais em conjunto, se não fôssemos tão tímidos na apresentação simples de nossas experiências e tivéssemos um pouco mais de confiança em nossas próprias convicções, poderíamos talvez já ter adiantado algumas lições àqueles que agora no-las dão.

Muitos, porém, são já os esforços feitos. Alguns os resultados obtidos. Mas uma *convicção mais profunda e uma acção mais comum,* poderá trazer solução *mais autêntica* ao grave problema da vida religiosa entre nós. A unidade de coração e de alma não é apenas o objectivo a atingir; é também o meio em que se há-de viver, até porque é na unidade do Corpo de Cristo, que esse mesmo Corpo cresce e se desenvolve até atingir a idade da Perfeição.

P. JOSÉ FERREIRA

---

(5) Natal.
(6) Idem.
(7) Páscoa.
(8) Pentecostes.



Encontros de férias

Estudo dos problemas da Acção Católica no meio agrário

Em matéria de preparação de futuros assistentes da Acção Católica, este ano viu surgir uma iniciativa consoladora, pelos bons resultados imediatamente visíveis, pelos que é lícito esperar no futuro, pelo muito mais que promete se, como é de crer se repetir doravante.

Referimo-nos ao encontro realizado na quinta que o nosso Seminário possui em Sintra, logo de seguida ao fim do ano lectivo, (1, 2 e 3 de Julho), no qual os finalistas de Teologia (à excepção dos da diocese de Aveiro) tomaram contacto mais de perto com os problemas da Acção Católica agrária e, consequentemente, com os do meio rural em que quase todos irão exercer o seu múnus apostólico.

Os trabalhos deste encontro, que se caracterizou por um grande espírito de camaradagem entre todos os que nele tomaram parte e por interesse manifesto pelos assuntos abordados, — traduzido na discussão, por vezes bastante viva, — foram orientados pelos Rev.^{os} Padres Aurélio Granada Escudeiro e José Mendes Serrazina, respectivamente, assistente-geral da LAC, da JAC e da JACF e assistente-diocesano de todos os organimos agrários da Acção Católica, com a colaboração dos Rev.^{os} Padres Joaquim Luís Mendes, de Salir, José Nunes do Casal, de S. João das Lampas e Jacinto Gonçalves Pedro, do Pinhal Novo.

No primeiro dia, começou-se por uma vista de conjunto do «Estado da Acção Católica agrária no Patriarcado», apresentada pelos Rev.^{os} Padres Joaquim Luís e Gonçalves Pedro, dando cada um as características das regiões, de diferenças tão extremadas, em que têm estado a trabalhar. Referiu-se o primeiro à série de problemas que se põem na região, para a solução dos quais a A. C. tem de exercer influência bem mais profunda que a actual; nomeadamente, aludiu à paganização das festas, à imoralidade e precocidade do namoro, à desmoralização na família (e citou uma freguesia onde os nascimentos ilegítimos representam 22 % do total), à neces-

sidade de prover à valorização pessoal das gentes do meio rural e de deter a crescente propaganda protestante. O segundo, depois de caracterizar a península de Setúbal, detendo-se especialmente na análise do meio rural, afirmou, abonado pela sua experiência colhida no apostolado desenvolvido numa herdade ali existente, a maior da península — que só a Acção Católica permite atingir um meio tão vasto, tão «especial» e tão profundamente descristianizado; deu testemunho dos resultados obtidos em algumas das campanhas já lançadas: decência no vestuário, bailes, cinema, habitação humana para o pessoal casado dos ranchos, etc.

À tarde, o Sr. Padre Manuel Franco da Costa de Oliveira Falcão, professor de Acção Católica e de Sociologia no nosso Seminário, relatou, no seu estilo calmo, claro e preciso, os principais «Problemas religiosos do Patriarcado de Lisboa, que subdividiu em três partes: 1) «A situação religiosa do Patriarcado»; 2) «Problemas da cristianização do Patriarcado»; 3) «As forças disponíveis». Da primeira parte, não cabe aqui falar, pois já os leitores da «Novellae Olivarum» (Junho/Julho de 1956) ou da «Lumen» (Junho de 1957) dela tomaram conhecimento.

Na 2.ª parte do seu trabalho, aludiu o relator aos problemas decorrentes da enorme extensão do Patriarcado, grande e populoso demais para constituir uma só diocese. Na 3.ª parte, analisou os meios disponíveis, sem esquecer o problema do clero, que a manter-se no ritmo actual só daqui a 3/4000 anos se resolverá, mas detendo-se no exame e interpretação das estatísticas relativas à Acção Católica; aqui ficam os números mais salientes: os filiados representam 1,12 % do total de habitantes com mais de 15 anos e 7,4 % dos praticantes; os militantes são pouquíssimos ainda (à roda de um por mil da população); das 325 paróquias, há 159 ainda sem uma secção sequer da A. C., das quais são 11 em Lisboa e 148 fora da cidade, número este que corresponde a 54 % do total; no entanto, salvo o norte da península de Setúbal, pode dizer-se que a A. C. chegou já a toda a parte.

Ainda neste primeiro dia, o Rev.º Padre Aurélio falou sobre «O assistente eclesiástico e os leigos» ocupando-se do respectivo lugar na Igreja, da missão apostólica dos Leigos (como fazê-los acreditar nela, formá-los, lançá-los e mantê-los no apostolado), das principais dificuldades, da parte, quer dos leigos, quer do clero, e de como actuar junto de cada grupo (crianças, adolescentes, jovens e adultos).

Terminada a exposição, os participantes dividiram-se em pequenos grupos para analizar e discutir um questionário elaborado pelo relator. Terminado este trabalho, de novo reuniram todos, em animada discussão geral, em que um delegado por cada grupo expôs as respostas dos seus colegas, de tudo tirando as necessárias conclusões gerais o relator do tema. Este proveitoso método de trabalho foi depois seguido durante as demais reuniões do encontro.

No dia imediato, a Senhora Dona Maria Helena Trigo, assistente-social sob cuja orientação está a fazer-se uma interessante acção junto dos ranchos migratórios que se ocupam nos trabalhos da cultura do arroz, veio falar-nos dos problemas dos mesmos ranchos, assunto que já não é estranho aos leitores da nossa revista («Novellae Olivarum»; 1956, p. 73). Escutada com muito interesse, foi-o particularmente quando, de forma viva e sugestiva, descreveu a actuação desenvolvida pelas assistentes sociais, quer nas terras donde saem os ranchos, junto das próprias raparigas, das famílias e dos capatazes ou manageiros, quer depois no local onde o rancho

se encontra a trabalhar, ajudando a preencher sã e proveitosamente os tempos livres, etc..

Nesse dia, à tarde, o Rev.º Padre Casal levou-nos a visitar a notável obra social uqe conseguiu pôr de pé na sua freguesia de S. João das Lampas, onde com ele colabora um pequeno, mas activo e dedicado, grupo de servas de Nossa Senhora de Fátima. Visitou-se também o Museu Arqueológico Regional de Odrinhas, na mesma freguesia, para a criação do qual também o rev.º pároco contribui de modo não despiciendo, e a viagem terminou na encantadora praia da Foz do Lisandro, onde, a par da merenda, foi objecto das atenções gerais o problema dos grandes proprietários, apresentado pelo Rev.º Padre Serrazina. Questão de real importância, mas pouco abordada ainda, envolve grandes dificuldades para o assistente que dela se ocupe, mas não pode continuar a ser desprezada, pois se trata duma classe autênticamente dirigente e que influi definitivamente nos seus servidores. Com o maior interesse se discutiu acerca do que já se tem feito e do que urge fazer-se para combater, nesta classe, a ignorância e a inconsciência dos seus deveres e do valor social da propriedade, corrigir os males do absenteísmo e do mau ou insuficiente aproveitamento da terra, levá-la a evitar o esbanjamento que por vezes brada aos céus e as injustiças mascaradas por uns laivos de caridade, etc.

No regresso, o Sr. Eng. Agr. José de Almeida Figueiredo, da Direcção-Geral da LAC, esperava-nos para nos falar dum ponto marcadamente técnico: «Acção pessoal e acção de grupo». Depois de expôr, em linhas gerais, os traços mais vincados da psicologia do nosso rural, explicou sumàriamente em que consiste e como funcionam as diversas reuniões, de dirigentes, de militantes, de grupos etc., em que se apoia a actividade apostólica das secções agrárias da A. C., insistindo no valor que tem o trabalho dos militantes, quer isoladamente, quer mediante o grupo ou equipa, cuja orientação e chefia lhes está cometida.

Das reuniões, agora «ex-professo», disse o Rev.º P. Serrazina, na manhã do terceiro e última dia. Todas elas, meios que são da formação e lançamento de actividades, ali foram minuciosamente analisadas, com especial menção — como aliás era de esperar — do que, na preparação ou realização delas, cabe ao assistente eclesiástico.

Cerca do meio-dia, de novo nos falou a experiência e o fogo apostólico do Rev.º Padre Aurélio. «O papel do assistente eclesiástico do meio rural» foi objecto das suas considerações. Disse da grandeza da missão, e das exigências que nos impõe, das virtudes que deve ter o Assistente Rural, do modo de actuação concreta: nas reuniões, perante a acção dos leigos ou os problemas do meio que se levantam à Acção Católica, nas eleições, cursos, conselhos, etc.. Não deixou de apontar os meios especiais de formação e actuação, particularmente a acção pessoal do Assistente, a Confissão e Direcção espiritual, etc..

À tarde, visitámos a Colónia de férias da C. U. F., em Almoçageme. Tudo em grande, sólido e de boa aparência. Capelão, assistente social, enfermeiro e um exército incontável de serventuários, para atender às necessidades das 300 crianças de cada turno, avolumadas com certeza pelos requintes de conforto com que são tratadas. Mas, nem eu sei porquê, à lembrança me vinha com insistência a figura do saudoso Pai Américo, a sua obra, as suas colónias de férias, bem mais modestas e pobrezinhas. Nem eu sei porquê...

De volta a Sintra, ouvimos o Rev.º Cónego António Gonçalves Franco Infante,

assistente-geral da L. A. C. F., que nos veio falar do «Apostolado familiar», após o que — e após também uma merenda que ficou célebre, para despedida — nos reunimos todos para elaborar o projecto de conclusões gerais do nosso estudo.

Essas conclusões, depois de definitivamente redigidas, hão-de por certo vir a ser publicadas. À guisa de antecipação, com o objectivo de por elas despertar maior interesse e curiosidade, aqui fica algo do que respigámos ao ouvi-las ler e discutir, e sem outra responsabilidade pela sua fidelidade e exactidão que não seja a nossa (bem frágil aliás):

Reconhecida a conveniência de alargar a extensão da A. C. no Patriarcado e de aumentar a sua vitalidade, impõe-se-nos conhecimento mais profundo da sociologia religiosa, bem como dos problemas do meio, actuação diversa segundo as características das diferentes regiões, grande espírito de colaboração com todos os que já trabalham no meio, sobretudo no plano regional;

Vista a missão dos leigos, na Igreja, especialmente a da A. C., importa haver colaboração activa do laicado e dos sacerdotes, a estes incumbindo prepará-lo, formá-lo e lançá-lo no apostolado, evitando-se cuidadosamente tudo quanto possa representar ou dirigismo sacerdotal ou alheamento;

— A acção pastoral deve alargar-se de modo a resolver os problemas paroquiais para além da paróquia, designadamente interessando-se os párocos não só pelos ranchos que saem das suas freguesias, como os que para elas vêm trabalhar;

— É urgente actuar sobre os proprietários rurais abastados, com vista à realização do apostolado da Igreja;

— Convém que saibamos aproveitar os dados da psicologia da gente dos campos, para que a nossa actuação de assistentes produza os seus frutos;

— Considerado que o militante é um elemento fundamental da missão apostólica da A. C. compete-nos, como futuros assistentes, prepararmo-nos para uma acção fecunda com vista à descoberta, formação e lançamento dos militantes, velando por que o seu trabalho se desenvolva dentro da melhor técnica de acção pessoal e de grupo e assuma um sentido profundamente sobrenatural;

— Busque-se evitar a desagregação das famílias por vezes imputada à A. C., orientando-se os leigos para o apostolado familiar.

Vai longo o relato, e no entanto muito ficou por dizer; mas nem o tempo nem o espaço de que dispomos, nem a paciência dos leitores permitiriam mais delongas.

Aqui termina esta mal alinhavada crónica, com os votos, muito sinceros, de que a semente lançada germine e frutifique nos jovens futuros assistentes da A. C. e de que, como a princípio dissémos, esta iniciativa — que não é demais louvar — entre nos hábitos e se repita, para que todas as novas gerações de padres do Patriarcado dela venham a beneficiar — benefício que será, em última análise, da A. C. agrária, ou seja do meio rural, tão carecido de quem por ele verdadeiramente se interesse.

O. LEITÃO

Do J. I. M.

Neste ano duplamente jubilar para o Escutismo — centenário do fundador e cinquetenário do Movimento — realizou-se em Sutton Park, um extraordinário acampamento internacional escuta. Na verdade pela primeira vez foi realizado um J. I. M. mundial onde se reuniram cerca de trinta e oito mil rapazes representando oitenta e cinco países. De todos os continentes, raças e religiões, de todas as posições sociais e de todas as idades, ali se reuniram em fraterno convívio por doze dias bem curtos.

O local do acampamento era um belo parque doado por Henrique VIII à cidade de Sutton-Coldfield, situado no centro da Grã-Bretanha, a uns escassos 15 km da grande cidade industrial de Birmingham.

O Campo estava dividido em três grandes campos: Jamboree para exploradores; Indaba para chefes; Most para caminheiros O maior — o Jamboree estava organizado em cinco sub-campos. As distâncias entre os três grandes campos iam além de um e dois quilómetros, precisamente para os isolar o mais possível.

O aspecto era o de uma autêntica cidade onde não faltavam o teatro, o cinema, televisão, restaurantes, bancos, posto emissor de rádio, imprensa diária, telefones, polícia, serviço de incêndio, hospital, exposições, piscinas, campos de jogos, etc..

A organização foi extraordinária, e a montagem de campo perfeita.

Em 1 de Agosto foi solenemente declarado aberto o campo por S. A. R. o Duque de Gloucester.

No dia 3 visitou o acampamento S. M. a Rainha Isabel II acompanhada pelo Príncipe Filipe. Após a recepção, em que os escutas aéreos exibiram as acrobacias dos seus aeroplanos, percorreram demoradamente todas as instalações.

No dia 12 foi o adeus. Com a presença de Lady Olave, viúva do Fundador, os escutas deram-se fraternalmente as mãos e sinceramente amigos despediram-se com saudade.

Além dos trabalhos próprios de um acampamento, o tempo era preenchido com o convívio fraterno ou com a troca de impressões, recordações, em que por vezes, quando a língua era desconhecida, o jamboresco desempenhava importante papel.

Depois na arena, todos os dias, representantes de alguns países exibiram seus números.

Não faltaram excursões ou visitas à cidade de Birmingham.

As visitas do acampamento contaram-se, todos os dias, aos milhares, destacando-se as de embaixadores, generais, etc., etc..

Para nós católicos teve aspectos muito agradáveis, pela presença de muitos irmãos na fé, e pela observação de que praticavam o melhor escutismo.

Os serviços religiosos estavam bem organizados e nos dois domingos passados em campo, houve missa de Pontifical solene, cantando as partes variáveis um grupo de lobitos ingleses, respondendo a assembleia ao Kyriale e Credo.

Várias tendas-capelas espalhadas pelo Campo asseguravam os serviços religiosos mais diversos.

Para nós, portugueses, foi muito sensível a onda de simpatia que nos envolveu. Ou pela excelente apresentação em público de todos os elementos, ou pela alegria comunicativa, ou pela universalidade sem fazer acepção de pessoas ou nações, ou pelo bom entendimento, mesmo sem falarmos algumas línguas, ou por tudo isto, o facto é que eram constantes convites amigos para jantar, tomar chá ou participar em jogos de conselho. Chegaram a ir buscar-nos ao nosso campo para nos poderem levar, sabendo que não chegávamos para as encomendas...

E ainda que outra lição não tivéssemos, uma só justificou plenamente a realização dum J. I. M. mundial e a nossa ida lá: foi a lição prática e vivida de que é possível aos homens viverem em paz entre si, apesar de diferentes as raças ou posição, quando têm um ideal nobre.

J. ROCHA

IV Semana de Estudos Paroquiais em Aveiro

A IV semana de Estudos Paroquiais realizada em Aveiro, e Trabalho do Ex.mo Sr. D. Domingos da Apresentação Fernandes, Bispo auxiliar da diocese, de 9 a 12 de Julho, foi mais um passo largo na criação duma diocese Comunitária, eclesial.

Cerca de 90 padres e 70 leigos, durante quatro dias e lado a lado, discutiram, solucionaram e deram sugestões para muitos problemas que afectam o espírito cristão da diocese.

O clero assistiu na totalidade, dentro das possibilidades de validez. O interesse, a caridade, o espírito comunitário de todos os sacerdotes foi verdadeiramente impressionante.

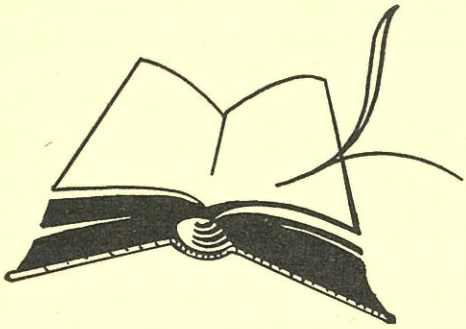
De todos os pontos da diocese vieram membros do laicato. Unia-os a todos, diferentes nas idades, nos sexos, nas profissões, nos escalões sociais, nas mentalidades, a realidade consciente da sua missão cristã, a vontade decidida de trabalhar para uma diocese mais perfeita, para uma profunda e vasta recatolização da sociedade, dentro dos limites da diocese. Em contacto com os problemas, as suas almas incendiaram-se de zelo para no seu meio contribuirem largamente para a realização da comunidade paroquial e diocesana em união com os párocos, conscientes da sua posição na Igreja que não é constituida apenas pelos padres e bispos mas por todos os baptizados em união com os Bispos, Papa e Jesus Cristo.

As conferência sobre teses complementares, deixaram funda impressão nos Seminaristas. A do Rev.º P.e Manuel Franco Falcão sobre a «Comunidade humana» foi realista e objectiva à base de mapas e números. O Rev.º Dr. Gustavo de Almeida falou sobre a «Comunidade Paroquial» que é a comunhão dos fiéis com Cristo, limitada no tempo e no espaço. Sobre o tema «Pastor das Almas» falou o Ex.mo Sr. D. Florentino de Andrade, Bispo Auxiliar do Porto. O Rev.º Dr. António Rodrigues tratou da «Posição dos leigos na Igreja», dando-lhes a consciência da sua presença na missão evangelizadora.

Ao longo da semana muito se falou em comunidade. Comunidade humana, base da comunidade cristã, comunidade humana e cristã, bases duma paróquia eclesial ou mesmo no plano transcendental. Comunidade entre padres e leigos. Comunidade entre os padres quer de trabalho quer de santificação e ajuda mútuas.

Os problemas novos da vida, as novas estruturas sociais, o complexo da vida moderna, tudo se pôs em equação, e, apareceram as conclusões práticas depois da visão das condições sociais, materiais, espirituais, culturais, de trabalho e de recreio, para uma organização paroquial adaptada aos nossos tempos e eficiente sob o ponto de vista apostólico. E os Seminaristas partiram para o seu campo de trabalho com o verdadeiro sentido da paróquia — comunidade de vida cristã, comunidade de oração, comunidade de apostolado, comunidade de caridade, pois só assim ela poderá desempenhar a sua finalidade na vida dos homens.

MÁRIO FERREIRA



DEUS, IGREJA, SACERDÓCIO

Cardeal Suhard

O 1.º volume da colecção Signo, que em boa hora e com boas promessas se apresenta, dá-nos a tradução das 3 cartas pastorais do falecido Arcebispo de Paris, Cardeal Suhard: «Triunfo ou declínio da Igreja?», «O sentido de Deus» e «O Padre na Cidade», de 1947, 1948 e 1949, respectivamente.

Deus, Igreja e Sacerdócio, três realidades que os homens hoje muito discutem e, embora não compreendam, instintivamente odeiam. E tanto mais odeiam quanto mais vão sentindo que a sua insegurança e angústia, sempre crescentes, só nelas terão solução, e solução de eternidade». Eu dei-lhes a tua Palavra e o mundo odiou-vos». (Jo. XVII - 14).

Na primeira carta, é analisada a posição da Igreja Católica face à civilização actual cuja alma de criança em corpo adulto tem necessidade de orientação. Aos incrédulos que prognosticam o fim breve da Igreja, e aos católicos que hesitam entre a ruptura com um mundo hostil e a adaptação aos novos quadros desse mundo, esclarece o autor expondo brevemente a Teologia da Igreja, Esposa e Corpo de Cristo, frisando a distinção entre o seu aspecto transcendente, e portanto imutável, e o seu aspecto temporal, incarnada e contingente. Um esboço histórico do passado e do presente confirma esta doutrina.

Íntegra e intransigente no respeitante ao depósito da Fé, Ela pode e deve, porém, adaptar-se às exigências temporais das civilizações e das culturas em que está inserida, em tudo aquilo que disser respeito ao seu aspecto de incarnada.

Tendo concluído inicialmente que a Igreja atravessa uma crise, mas que essa crise é de crescimento — e basta notar como o cristão do século XX tomou consciência do que é Igreja — analisa numa segunda parte em que condições se deve dar esse crescimento e quais as responsabilidades dos cristãos.

Salienta primeiro a necessidade duma síntese cristã e da apresentação à civilização que passa duma espiritualidade «católica», total, alicerçada num humanismo cristão: portanto, fundamentalmente humanismo da pessoa e humanismo da Cruz.

Dever dos cristãos é o do apostolado, que hoje mais do que nunca tem que ser um apostolado de Santos, pregadores do Evangelho, apostolado que o mundo exige

seja «do semelhante pelo semelhante»: resposta actual da Igreja é a Acção Católica.

Outro dever dos cristãos é o de «entrarem na cidade» para corajosamente assumirem com os seus companheiros as responsabilidades da caminhada temporal. Os intelectuais católicos têm que estar presentes nas forjas em que se estrutura a história, com obrigação mesmo de tomar as iniciativas. Todos, sacerdotes e leigos, temos de actuar sem hesitações, seguindo como critério fundamental de ortodoxia a fidelidade e o amor à Igreja, cuja juventude é para nós garantias de eternidade.

A segunda carta analisa o mundo de hoje, caracterizável em relação ao passado por ser um «mundo sem Deus»; salienta-se o paganismo da vida da maior parte dos cristãos, indicado, por exemplo, pela perda do sentido do mistério e pelo critério da eficácia na acção.

Em breves páginas, esboça o autor o que a Filosofia e a Teologia nos dizem de Deus, o Altíssimo, Transcendente, e o Emanuel, Deus connosco, noções que importa não separar para que não escape a Realidade total. E este é o erro frequente, quer dos que só O vêm transcendente, quer dos que só O vêm imanente.

Para regresso a Deus, são necessários o aprofundamento da Fé, a abertura ao mistério, a intensificação do espírito de oração (mantendo o equilíbrio entre a contemplação e a acção, com primado daquela), em resumo, uma vida autênticamente cristã alimentada na Santa Igreja.

Se só a Igreja tem a solução dos problemas do mundo de hoje, o chegar a essa solução, através da reaquisição do sentido de Deus, terá que ser obra do Padre. E se são grandes os erros e preconceitos a respeito de Deus e da sua Igreja, não o são menores os acerca do Padre.

É necessário estabelecer Teologia mais uma vez, e o autor fá-lo de maneira claríssima: um único sacerdócio, o de Cristo — sacerdote de direito pela Incarnação e pela Cruz; sacerdócio de «um de nós» — Cristo é Homem — mas investido do Alto; sacerdócio de que participam todos os outros sacerdotes, participação feita através da Igreja e que só n'Ela tem sentido; sacerdócio de mediação, que oferece a cidade a Deus, que distribui Deus à cidade.

Porque consagrado, homem de Deus, e por isso diferente dos outros homens, mas um deles e vivendo totalmente para eles, o padre é um sinal de contradição, mistério vivo, odiado mas apaixonante.

Analisa o autor as relações do Padre com a cidade, que ele tem que exorcizar e benzer para resgatar; vinca com nitidez a importância vital da Missa na cidade, e termina considerando as exigências recíprocas que o sacerdócio impõe.

Para o Padre, exigências de consagração, de santidade, de pertença, de disponibilidade, de pobreza, de castidade, de obediência. Para os cristãos, entre outras, a de aprofundar o sentido e o mistério do padre para o compreender e respeitar, a de colaborar com ele e a de corresponder ao apelo da Igreja fornecendo vocações.

Deus, Igreja, Sacerdócio.

Doutrina segura, apresentada com simplicidade e acessível a todos, e aplicação prática dessa doutrina ao mundo de hoje numa visão realista e rasgada, com o conhecimento de causa de quem foi pastor da diocese mais importante dum país que é um dos mais fecundos alfobres da cultura católica contemporânea, eis as recomendações deste livro que se apresta para meditação e tomada de consciência das exigências que o nosso século, à beira

do precipício, nos põe a todos os que entendemos o Evangelho.

Não nos bastam boas intenções, precisamos de saber o que é preciso fazer. E o caminho que a Igreja pela voz do Cardeal Suhard nos aponta, é o mesmo que Cristo apontou a S. Paulo: «entrar na cidade». Para a remir e a oferecer ao Senhor do Céu e da Terra.

FERNANDO BELLO

«CONSTRUIRE L'ÉGLISE AUJOURD'HUI» (1)

Thomas Suavet

Neste livro, recentemente aparecido em França, pretende o autor dar uma visão enraizada nas exigências do mundo moderno, do que é construir a Igreja. Obra de longo alcance, não tanto pelas soluções que aponta, como sobretudo pelos problemas que levanta, o livro de Suavet merece uma leitura cuidada. Dirige-se, em especial, ao clero, empenhado como está na obra de evangelização do mundo. Não deixa no entanto de ter utilidade para os leigos, uma vez que foca problemas em cuja solução estão directamente comprometidos.

Só na medida em que uma reforma ou um ideal nos empolga é que a nossa acção pode ser eficaz. Ninguém luta por teorias. A 1.ª condição, portanto, do sucesso na evangelização, considerando-a agora como simples empresa humana, é uma visão real, integral e concreta do que é necessário fazer. É nesta linha mesmo que o livro se situa. Tentativa de consciencialização do que há a fazer, ultrapassa por completo todas as previsões daqueles que ainda não se deram conta do apostolado do tempo presente.

As qualidades mestras do livro são o sentido do real, a preocupação eclesial e sacerdotal e o cuidado em apontar sempre a dimensão social dos problemas.

Foi o amor à Igreja quem deitou este livro. E é dentro da Igreja que o seu autor insere, e muito bem, todas as tentivas de apostolado. Na 2.ª parte da sua obra, que intitula «o padre e a Igreja», Thomas Suavet chama a atenção para um ponto de capital importância. Para se construir a Igreja é necessário acreditar nela; acreditar que é indispensável para a salvação do mundo, que é a única capaz de o salvar por virtude das suas forças intrínsecas e por último que Ela é um mistério. Analizada em teoria a Igreja pode-nos parecer mais bela do que é na realidade. Pode até desiludir-nos. Para que isso não aconteça, temos de acreditar na Igreja como num mistério. Realmente Cristo é misterioso. E não será a Igreja tão cheia de mistério como é a sua Cabeça?

«Construir a Igreja no mundo de hoje», tal é a nossa preocupação. O autor, subordinados a este título, apresenta 4 interessantes capítulos onde urge que sejam criados «meios vivos», inteiramente aptos a fornecer os elementos necessários para um desenvolvimento em profundidade do laicado católico. A Igreja universal tem de ser edificada à custa da construção de pequenas comunidades. Não eliminemos autênticos valores humanos para levantar uma pseudo-Igreja universal. Deus revela-se na ordem das coisas e quere que nós sejamos submissos a essa ordenação. Construamos a nossa

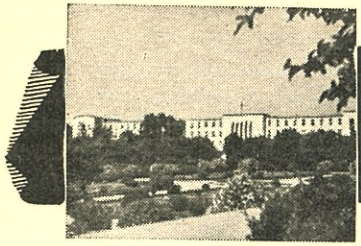
Igreja particular, tendo entretanto o cuidado de a não fechar ao mistério da catolicidade. Por último acentua-se que a Igreja se edifica pelos sacramentos. Lamentável, neste ponto, a inversão de valores de que sofremos. Falta-nos, ao encarar os sacramentos, a sua dimensão eclesial. Para nós são tudo, menos aquilo que primàriamente são — sinais da Igreja. E a terminar o autor insere uma linda oração pela Igreja, síntese das ideias mestras desta 2.ª parte do livro.

A 1.ª parte, que considero a de melhor visão, é um tomar consciência de vários problemas que o mundo de hoje levanta aos edificadores do reino. Em «o padre diante das incidências sociais do pecado» analisa o autor a urgência duma acção a desenvolver no campo das «estruturas», acção esta que a dimensão social do homem exige. No capítulo seguinte trata da atitude do padre perante um mundo onde a técnica toma uma posição de relevo. Curiosos os conselhos do autor aos padres, a quem adverte a que não desprezem a técnica e não tenham medo de ir ter com os técnicos. Em «o padre diante dum mundo dividido» debate-se o gravíssimo problema da desunião dos homens em classes, em raças e em nações, problema tanto mais grave quanto o padre se não consegue desenvencilhar da mentalidade da classe em que foi educado. A terminar, Thomas Suavet entende que o apostolado moderno, devido à profanação sempre crescente do mundo, tem de ser orientado noutro sentido. Trata-se de fazer uma obra de conquista interna duma sociedade que se quer profana. O nosso laicado tem de se empenhar a fundo a viver a vida dos outros homens e ao mesmo tempo a mostrar vividamente a transcendência e valor da fé cristã. Nas restantes páginas, focam-se os problemas relativos à missão dos leigos e sua inserção no plano da Igreja. Por nos parecerem menos interessantes e por falta de espaço, abstemo-nos de os comentar. Não quer isto dizer que não valha a pena lê-los. Antes, que os outros são muito mais proveitosos pela sua vigorosa originalidade.

A. LEMOS

---

(1) Les Éditions «Ouvrières».



CRÓNICA

Foi tão original aquele final de ano! Terminadas as aulas como de costume, principiou a esgotante e enervante preparação de pontos, em que, embalados por sonolenta calmaria, se «empinaram» capítulos, e pacientemente se passaram centenas de páginas. O esforço dispendido até findarem as provas escritas, foi coroado com um passeio turístico a Évora, «a Atenas alentejana», como garbosamente lhe chama algures, um dos nossos autores didácticos. A missa solene no quartel de Vendas-Novas, celebrada entre canhões apontados e baionetas em riste, fez-nos sentir tudo o que de epopeia há no Cristianismo, que nós pretendemos anunciar a muitos daqueles soldados, num testemunho gritante de fé e amor.

A visita à Cartucha em companhia dos nossos colegas alentejanos, e aos muitos monumentos da cidade, encheu a tarde desse dia, que foi encerrado com o jantar no quartel, onde de manhã havíamos celebrado o Santo Sacrifício. Na Cartucha admirámos a obra de arte e imaginámos um majestoso silêncio, envolvendo frades recolhidos, passeando meditabundos por aqueles longos claustros. Na Sé, apreendemos a beleza artística de todas aquelas linhas, que nós procurámos, por um esforço de abstracção, observar em toda a sua pureza primitiva. Na «Capela dos ossos», não sei qual o sentimento que mais profundamente se gravou em nós: se o mau gosto enervante que preside a toda a construção, se todo aquele ambiente, tétrico sem ser sublime, medonho sem ser elevado.

As provas orais decorreram num regime cheio de novidade e originalidade. À porta da sala de exame, os alunos numa atitude verdadeiramente estóica, esperavam corajosamente os resultados obtidos. As «raposas», despindo a tradicional capa de mistério de que em anos anteriores se revestiam, surgiam fresquinhas e saltitantes, apesar de cautelosas e tímidas.

O ano académico foi encerrado com a cessão de transferência de dirigentes. O presidente cessante, Rev. P. Alberto Neto, disse em breves palavras, o que se fez, o que se poderia ter feito, o que se poderá fazer para o futuro. A nova direcção, presidida pelo João Resina Rodrigues, tomou posse do seu cargo. O Presidente disse-nos a seguir, os seus projectos para o novo ano, no respeitante à revista e à academia.

Dentro em breve, começaram a partir em gozo de férias os primeiros felizardos, que, graças à escassez de exames ou ao nome de que são portadores, puderam sair bastante cedo, deixando a maior parte dos colegas, espreitando com um dos olhos, através do estore semi-cerrado, os que de malas aviadas já lá iam, e com o outro, contando enfernizadamente as centenas de páginas que ainda faltavam para repetir.

*

O dia 7 de Agosto chegou rápido e quase de surpresa, pelo menos para a

maior parte. As férias, que em belo movimento ritmado corriam serenas, foram bruscamente interrompidas. Ao almoço compareceram já, meia dúzia de curiosos sentimentais, que, enjoados de férias, ou saudosos do seminário, correram lestos ao chamamento... aqui no caso, do Sr. Vice-Reitor. Como era dia 7 de Agosto, quase todos os outros, amantes da paralelismo, entraram pelas 7 horas. O dia 8, foi de confraternização. Os amadores do desporto voltaram à sua especialidade. No campo de futebol, o «esférico» voltou a rolar, e as espessas águas da piscina, foram ainda uma vez mais sulcadas por valorosos exploradores. À tarde o jantar foi-nos servido a campo, debaixo das frondosas tílias, que nos homenagearam com a chuva lenta e graciosa das suas pétalas douradas, que indiscretamente se misturavam nos pratos da sopa fumegante. A esta homenagem por parte da natureza, não faltaram as sempre solícitas formigas.

Depois de jantar, entraram em retiro, os que no dia 15 receberiam ordens sacras. Os dias 9 e 10, foram de passeio para os restantes. Formaram-se dois grupos: teólogos e filósofos. Os primeiros dirigiram-se para a base aérea de Ota, onde ardentemente desejaram ter asas, para voar. Não lhes faltou o apetitoso banho, em límpida e cristalina água. Os filósofos encaminharam-se para o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, onde durante toda a manhã brincaram às barragens. A tarde foi passada no Jardim Zoológico, onde admiraram as diabruras dos macacos, que por sinal andavam em obras nesse dia, a esperteza do elefante, a timidez das raposas, a elegância presunçosa da girafa, etc. A propósito, avisamos o Sr. Dr. Fernando Maurício, prometedora esperança da História da Igreja no nosso Seminário, que tenha mais cautela ao dar de comer aos irrequietos símicos.

O dia seguinte teve o mesmo esquema. Os teólogos seguiram, graças ao progresso, de combóio eléctrico, para Sintra, onde gosaram a frescura da serea... — Não sabemos se o grupo Arantes, F. Guerra e Zé da Silva, já descobriram o caminho para a Pena. Os filósofos visitaram a escola de marinheiros de Vila-Franca-de-Xira, onde assistiram embasbacados, a uma batalha naval feita no papel.

Seguiu-se o retiro para todos e chegou finalmente o dia 15, o dia grande, não só do Seminário, bem como de toda a diocese. Uma vigília nocturna preparou-nos a todos para o acto solene das ordenações. Foram momentos de recolhimento e de amor, tanto da parte dos ordinandos, como dos que assistiram. É sempre impressionante o momento em que Sua Eminência o Sr. Cardeal Patriarca, escolhe alguns do meio de nós para os ungir com a unção sacerdotal. Parabéns aos que partiram! Paciência e persistência aos que por cá ficamos. Ao almoço, o Rev. P. Alberto Neto, dirigiu a Sua Eminência palavras sacerdotalmente sentidas. O Senhor Patriarca respondeu com curto e oportuno discurso «Deo gratias», eram as únicas palavras que o seu coração de Pai e de Pastor, sabia proferir naquele momento. Disse-nos: «Já não posso dizer como João Baptista que sou a voz que clama no deserto... São poucos, mas são onze!»

Cruzavam-se abraços de parabéns, enquanto coroas acabadas de fazer, brilhavam à luz do sol. Depois de sabermos da nomeação dos Rev.os Padres, Francisco Nuno e Joaquim de Sousa Lopes para o Seminário de Santarém, — Oxalá Deus os faça grandes entre os pequenos — fomos continuar as férias em boa hora interrompidas.

J. POLICARPO

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93 2.º
LISBOA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

APARELHAGEM ELÉCTRICA
PARA ALTA E BAIXA TENSÃO
QUADROS BLINDADOS
para fábricas, oficinas e minas
Acessórios para
instalações eléctricas

CREL

CONSTRUÇÕES
E REPARAÇÕES
ELÉCTRICAS, L.DA

Telefones: P. P. C. 66 2134 e 66 1135

Rua dos Industriais, 7
(às Côrtes)

— LISBOA —

Missal Romano

Para todos os dias do ano, com sacramentário e devocionário em papel bíblia contendo 1250 páginas.

Preços:

Encadernação em percalina — 40$00
« « pergamóide 60$00
chagrin c/ folhas douradas — 110$00

Pequeno Missal

Para domingos e festas, com sacramentário e devocionário.

Preço:

Encad. em muito boa percalina — 20$00

Novo Testamento

Traduzido do grego e anotado pelo Cónego Dr. José Falcão — 40$00

Pedidos à União de São João
Gráfica de Gouveia L.da - GOUVEIA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços. Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

OURIVESARIA ALIANÇA

Verdadeiro atelier de arte, conhecido no País e estrangeiro

As mais especializadas oficinas para a esmerada confecção de todos os objectos do culto católico

Rua das Flores, 191-121—Porto
Rua Garrett (Chiado,) 50-Lisboa

Sociedade Industrial Metalúrgica

S. A. R L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

Casa Nun'Alvares

PORTO

626-Rua de Santa Catarina-630

Telefone - P. P. { 23586 23587

ARTIGOS RELIGIOSOS
TIPOGRAFIA
OBJECTOS DE CULTO
LIVRARIA
PARAMENTOS

Enviam-se gratuitamente catálogos ilustrados com cerca de 300 desenhos e preços a quem os requisitar.

MERCEDES-BENZ

AUTOMÓVEIS
com motor a gasolina
e diesel



CAMIÕES DIESEL
para todas as cargas

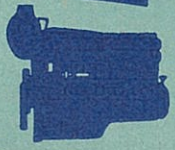


AUTOCARROS
DIESEL
para 33/35 41/43
lugares



UNIMOG
tractor para todo o terreno, para fins agrícolas
e industriais





MOTORES MARÍTIMOS
E INDUSTRIAIS para
todos os fins e aplicações

Representantes

C. SANTOS L.DA

LISBOA PORTO



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista.
Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

ALTA qualidade a baixos PREÇOS

HORÓPTICA, LDA

OCULISTA

Rua de Santa Justa, 7 — LISBOA

União Gráfica

S. A. R. L.

Sede: Rua de Santa Marta, 48

LISBOA

Livraria — As últimas novidades literárias.

Tipografia — Execução perfeita de todos os trabalhos tipográficos.

Editorial — Numerosas obras de grande interesse. Editora dos apreciados romances de *Nuno de Montemor*.

Objectos religiosos—O maior sortido, aos mais baixos preços.

Paramentaria—Confecção de paramentos que se impõem pela sua qualidade e esmerado acabamento.

Proprietária do diário *Novidades*, da revista de actualidades *Flama*, do semanário *A Guarda* e da publicação bi-mestral *Selecção Documental*.

Cem anos!

VELAS DE CARDIGOS

J. d'Oliveira Tavares, Filhos

Telef. 5 — B. Baixa-CARDIGOS

Primeiros fabricantes das velas de Cardigos cujas fábricas foram fundadas em 1850!

Casa antiquíssima preferida pelo Ex.mo clero do Continente, Ilhas e Províncias Ultramarinas

Premiada em 7 exposições
4 estrangeiras e 3 nacionais

Economize...



STUDIO TOM B-1

adquirindo para o seu lar uma instalação de GAZCIDLA, o moderno combustível que lhe proporciona, a baixo preço, energia, iluminação, aquecimento, banho e refrigeração.

O GAZCIDLA, pelas suas notáveis qualidades, contribui eficazmente para a felicidade do lar português.



GAZCIDLA

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES DE CALORÍFEROS
FOGÕES, ESQUENTADORES, ETC. • EM TODAS AS AGÊNCIAS DO PAÍS

«Conservar zelosamente o precioso tesouro do canto gregoriano, cultivá-lo largamente entre o povo cristão, é dever de todos aqueles a quem Cristo Senhor confiou a guarda e a distribuição das riquezas da sua Igreja».

PIO XII

(Enc. Musicae Sacrae disciplina)

REVISTAS DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — «OLIVAIS»